

CEsA

Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento
Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa

Colecção

Documentos de Trabalho

nº 94

Carlos Sangreman Proença

**O censo das famílias, pessoas, habitações
e actividades económicas: Projecto de
construção de um Observatório de
Bem-estar do Bairro de Quelele**

Lisboa
2000/2011

*O CEa não confirma nem infirma
quaisquer opiniões expressas pelos autores
nos documentos que edita.*

**O censo das famílias, pessoas, habitações
e actividades económicas: Projecto de construção de um
Observatório de Bem-Estar do Bairro de Quelele**

Lisboa, 2000/2011

Carlos Sangreman Proença

**CEsA
Centre of African and Development Studies
Faculty of Economics and Management
Technical University of Lisbon**

PREÂMBULO

Este trabalho foi feito prosseguindo o objectivo de reforçar a capacidade das forças vivas (hoje dir-se-ia “dos agentes”) da sociedade civil do bairro de Quelele de intervir no sentido de conseguir criar cada vez mais uma vida melhor, um patamar de bem-estar mais alto, para os habitantes.

A base teórica está resumida no livro a sair em Abril próximo do Comité de Ajuda ao Desenvolvimento (CAD) da OCDE, “DAC Guidelines on Poverty Reduction”, que parte da noção multidimensional do bem-estar para uma definição de pobreza como privação de parte ou da totalidade dessas dimensões.

O autor assume igualmente uma atitude activa em relação à investigação aplicada aqui esboçada. Ou seja não se considera como um observador externo de uma identidade colectiva em formação, mas sim como uma pequena peça da acção expressa das várias instituições formais e informais do bairro para que essa identidade se desenvolva e afirme cada vez mais claramente.

Este trabalho não teria sido possível sem o trabalho dos inquiridores do bairro de Quelele, que guardaram durante todo o período do conflito armado os boletins que já tinham preenchido, e utilizaram o conhecimento do terreno para fazerem o inquérito num período de tempo muito curto. Igualmente os informáticos da AD aprenderam a trabalhar com o programa de apuramento estatístico com facilidade, num sinal de que os recursos humanos do país têm evoluído de forma significativa.

Os agradecimentos são todos para as pessoas da AD, desde os seus dirigentes aos mais simples membros, bem como para o Pedro Lonet Proença que disponibilizou as fotografias que fez no bairro, e a Cristina Duarte, que executou os painéis da exposição de restituição dos resultados de forma entusiasta e criativa.

Novembro de 2000

Carlos Sangreman Proença

ÍNDICE

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	7
1.1. O conceito de bem-estar na Guiné-Bissau.....	7
1.2. A família urbana como unidade de análise do bem-estar.....	10
1.3. O arroz como medida de bem-estar	12
2. AS CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DAS FAMÍLIAS	14
3. A INSTRUÇÃO	26
4. OS NÍVEIS DE BEM-ESTAR.....	28
5. AS CONDIÇÕES DE HABITAÇÃO, ÁGUA, ILUMINAÇÃO, ENERGIA DE COZINHA	33
E SANEAMENTO	33
6. AS ACTIVIDADES ECONÓMICAS	37
7. CONCLUSÕES.....	42
8. BIBLIOGRAFIA.....	43
ANEXOS	45

ÍNDICE DOS QUADROS

Quadro 1. População abaixo da média de consumo de arroz (1986, 1991, 1993)	12
Quadro 2. Famílias, pessoas por sexo, e habitações, por data de realização do inquérito	16
Quadro 3. Pessoas por zona do bairro e religião	19
Quadro 4. Pessoas por escalões de idade e parentesco com o/a chefe de família	20
Quadro 5. Famílias por zona e etnia do chefe de família	23
Quadro 6. Pessoas por zona e etnia do chefe de família	24
Quadro 7. Número de famílias por zonas e número de membros	25
Quadro 8. Estudantes por sexo e níveis de bem-estar	26
Quadro 9. Pessoas por escalões etários e habilitações	27
Quadro 10. Critérios de níveis compostos de bem-estar	30
Quadro 11. Famílias por níveis de bem-estar	30
Quadro 12. Famílias por zona do bairro e níveis de bem-estar (1)	31
Quadro 13. Famílias por variáveis e níveis de bem-estar	31
Quadro 14. Famílias por sexo do chefe de família e níveis de bem-estar	32
Quadro 15. Habitações por zona	33

Quadro 16. Habitações por materiais de construção	34
Quadro 17. Habitações por condições de vida (água e esgotos)	35
Quadro 18. Famílias por condições de vida (energia de cozinha, modo de iluminação)	36
Quadro 19. Chefes de família por ocupação/profissão e sexo	37
Quadro 20. Ocupação/profissão por importância	38
Quadro 21. Pessoas por ocupação/profissão e sexo	39
Quadro 22. Principais ocupações/profissões e local de actividade	41

ÍNDICE DOS GRÁFICOS

Gráfico 1. O padrão de bem-estar	8
Gráfico 2. A pobreza e o bem-estar	10
Gráfico 3. Projecção da população do bairro	15
Gráfico 4. Pessoas por escalões de idade e sexo	17
Gráfico 5. Religiões presentes no bairro	18
Gráfico 6. Famílias por número de membros	25
Gráfico 7. Percentagem de população inquirida abaixo da média	29

1.ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. O conceito de bem-estar na Guiné-Bissau

Articulando a definição de bem-estar de autores em épocas muito diferentes como BENTHAM (1823), PIGOU (1932) ou MISHAN (1969), o bem-estar é algo que se situa a nível da consciência mental individual, uma noção sinónimo de “satisfação” ou de “plena realização” como “a propriedade de qualquer objecto de produzir benefícios, prazer ou felicidade”. Igualmente NG, Y-K, (1979), utiliza a noção comum de felicidade para a definição de bem-estar. E JORDAN, B., (1987) afirma que o bem-estar depende de factores “profundos e intangíveis” inerentes a cada ser humano.

Vamos tomar essa ideia de “satisfação” como base para definir o conceito de bem-estar. Numa sociedade como a africana onde a relação com os outros é um valor importante, essa ideia aplica-se considerando sempre a dimensão individual articulada com a dimensão de grupo social. Tal conceito tem por consequência que o bem-estar de um indivíduo, não se compreende sem a família, e sem os grupos sociais com os quais os seus membros se identificam. É a articulação destes diferentes grupos sociais que define o nível de bem-estar de um colectivo seja uma etnia, um bairro ou o todo nacional.

Temos, assim, um conceito de bem-estar definido como a satisfação obtida pelo conjunto de actos de apropriação de recursos praticados por um indivíduo ou grupos de indivíduos.

Para o conceito de Recursos, considerou-se um conjunto constituído por variáveis quantitativas e qualitativas.

As primeiras são aquelas para as quais é possível definir uma escala numérica, ou seja, medir de forma precisa as variações que essa variável tem por família ou por pessoa.

Quanto às variáveis qualitativas são as que permitem tomar em consideração na definição de bem-estar os critérios multidisciplinares de leitura da sociedade guineense, mas cuja tradução em números que permitam uma medida mais rigorosa é difícil pela própria natureza da variável.

Assim por exemplo, se tomarmos um critério económico, podemos considerar a variável Ramo de Actividade, que terá como categorias as diversas actividades existentes: Ramo de Actividade = {Agricultor, Ferreiro, ..., Funcionário Público}; para um critério Sócio/Cultural, a variável Género ou Sexo com as categorias de {Masculino, Feminino}; para um critério simbólico a variável Etnia com as categorias {Fula, Balanta, ..., Papel}. Mas não faz sentido atribuir uma escala numérica a essas variáveis. Ou seja, não tem lógica nenhuma atribuir um numero aqueles que são Fulas outro aos Balantas, etc., tal como se fossem variáveis como o consumo de arroz ou o valor do vestuário.

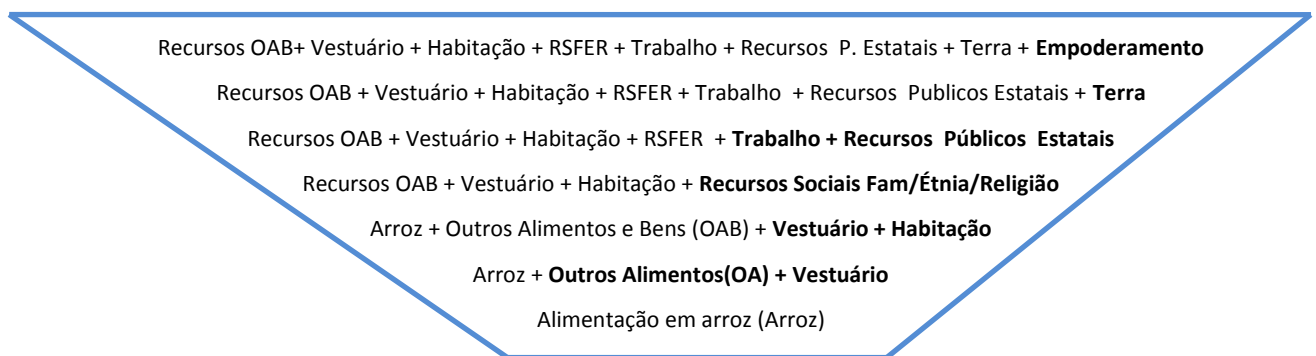
A aplicação da definição de bem-estar a recursos deste tipo, deve entender-se como apropriação ou utilização das relações sociais que são consequência da identificação por parte de um indivíduo/família com um grupo social de uma etnia, de mulheres/homens, de funcionários/agricultores/etc..

Ou seja, o termo apropriação de recursos aplicado a variáveis qualitativas refere-se à satisfação para um indivíduo/família originada nas relações sociais que se estabelecem pelo facto de se pertencer a um grupo social com relevância social positiva. Tais relações sociais numa sociedade africana como a guineense têm uma importância fundamental no bem-estar social.

A linha de investigação / acção do projecto em que se encontra inserido este relatório (ou projectos pois já se deu a sua replicação noutros bairros de Bissau), quer contribuir para compreender se existe ou não uma identidade em desenvolvimento com uma componente geográfica de bairro. Ou dito de outro modo, a dinâmica social que se gera em determinados bairros de Bissau origina ou não a construção de uma identidade bairrista que se sobreponha aquelas que se formam por via tradicional da etnia ou da religião. É uma resposta à qual se vai dando resposta em diferentes momentos e em diferentes acções.

A pirâmide de BAULCH, (1996) está a tornar-se uma forma generalizada de representação da pobreza e do bem-estar. Podemos expressar este conceito de recursos para a Guiné-Bissau dessa forma no Gráfico 1:

Gráfico 1. O Padrão de Bem-Estar



Recursos OAB = Arroz + Outros Alimentos e Bens

Recursos Públicos = Acesso a água, electricidade, educação, saúde.

RSER = Recursos Sociais Etnia/Religião

Terra = Recursos de capital físico para além da Habitação

Empoderamento = participação na vida colectiva seja a nível de tabanca, de bairro ou do país, e de acordo com as relações sociais mais tradicionais ou por meio de debates, voto e participação em instituições públicas mais de acordo com o sistema político europeu.

Também procura dar ideia de que existem recursos que se podem medir com mais fiabilidade do que outros. Por exemplo os recursos provenientes das Relações Sociais com origem nas solidariedades/deveres étnicos e religiosos ou aqueles que resultam da participação em instituições (empoderamento) são mais difíceis de medir e avaliar do que o acesso a bens públicos como a educação ou a saúde, que por sua vez são mais difíceis de medir e avaliar do que os bens alimentares de consumo.

Note-se que não existe aqui nenhuma diferenciação de género. Isto porque se podem aplicar estes conceitos a unidades de análise do bem-estar diferentes: podemos ter um indivíduo, homem ou mulher, ou uma família ou um grupo social (definido por critérios variados desde os espaciais, profissionais, étnicos e religiosos).

Pensamos que este gráfico corresponde ao que pode ser a definição do conjunto de recursos a que uma família guineense aspira ter acesso. E forma deste modo o padrão de bem-estar de todo o conjunto de famílias do país. Esse gráfico concretiza também para o país a teoria exposta em documentos muito recentes de organizações internacionais como o Banco Mundial ou a OCDE (ver bibliografia no final do Relatório).

O conceito de bem-estar assume assim um carácter multi disciplinar que varia com o género, idade, cultura, e outro contextos económicos e sociais. A noção de recursos apresentada estende-se até à solidariedade social que o relatório do Voices of the poor do Banco Mundial (2000, pág.43) afirma serem um dos mais preciosos recursos dos pobres, originando segurança e satisfação psicológica.

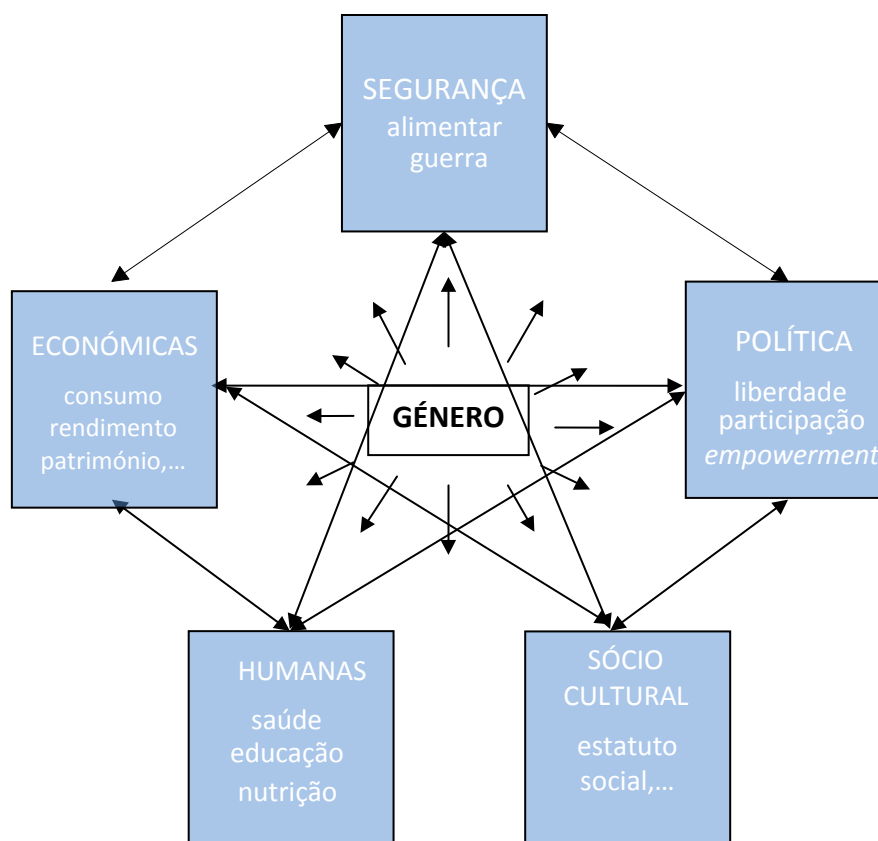
A pobreza é a privação de alguns destes tipos de recursos, e como tal também multidisciplinar. A forma do gráfico em pirâmide invertida procura dar a ideia de que quando os recursos vão crescendo o bem-estar também vai crescendo.

O CAD da OCDE (2000) em documento ainda em preparação, utiliza esta noção de privação dos elementos que compõem as dimensões do bem-estar para caracterizar a pobreza. Esse documento expressa as relações interactivas entre a pobreza e o bem-estar partindo das seguintes dimensões do bem-estar:

- **Capacidades económicas** (consumo/rendimento, e posse de património como habitação, terra, animais).
 - **Capacidades humanas** (saúde, educação, nutrição, água potável, abrigo)
 - **Capacidades políticas** (liberdade de expressão, direitos humanos, *empowerment*)
 - **Capacidades sociais** (estatuto social, dignidade, liberdade cultural).
 - **Segurança** (segurança alimentar, ausência de crimes, guerra, segurança social)
- O **género** e o **ambiente** relacionam-se com todas estas dimensões.

O Gráfico 2 exprime visualmente o que dissemos:

Gráfico 2. A Pobreza e o Bem-Estar



1.2.A família urbana como unidade de análise do bem-estar

A família urbana africana constitui a unidade de informação base para o trabalho realizado.

A tipologia base pode ser referida a partir do trabalho de LEBRIS et al. (1987) que consideram três tipos: a família elementar, a alargada e a estendida.

A família elementar ou restrita, pode ser simples, se for monogâmica, ou composta de for poligâmica. É o tipo de família composta por um homem, a sua mulher (ou mulheres) e filhos, com orçamento e habitação únicos (independentemente de quantas casas tenha). A hierarquia familiar faz-se pelo reconhecimento por todos de um chefe de família, e, no caso da poligamia, pela idade das mulheres. Em geral tem outros parentes, amigos ou crianças a cargo na habitação comum por períodos variáveis.

A família alargada, engloba o conjunto de várias famílias restritas reunidas por laços de parentesco, cada uma vivendo na sua habitação, do seu orçamento e reconhecendo um chefe de família. A diferença faz-se por esse conjunto de famílias reconhecerem para algumas questões da vida como certas cerimónias étnicas, os funerais e o casamento, uma hierarquia que se sobrepõe aquela, e onde existe um chefe ao qual é atribuído um poder de decisão mais forte.

A família estendida consiste num conjunto de famílias dos restantes tipos ligadas por uma ascendência comum, que pode ser real ou mítica, e cujas solidariedades são expressas nos diferentes aspectos de vida. Os critérios base de organização e hierarquia são a idade e a relação de parentesco.

Os autores referidos seguidamente, ao estudarem a família na Guiné-Bissau, consideram apenas dois tipos : a família elementar ou restrita e a família estendida, tratando a família alargada como uma situação intermédia na evolução do tipo de família estendida para elementar ou restrita.

A “família estendida” da época colonial na Guiné-Bissau, como é descrita nos trabalhos de ACHINGER G.(1986 e 1991), nas várias obras de CARREIRA A., sobre diferentes etnias como os manjaco, brame, balanta ou ainda de HANDEN, D. L. (1985) sobre os balanta-brassa, dedicava-se a actividades económicas abrangidas pela designação de “modo de produção doméstico”, (MEILLASSOUX C., 1976), produzindo perto do nível de subsistência e atribuindo um valor simbólico à acumulação. Eram famílias patriarcais, com o casamento negociado independentemente da mulher, onde esta segue o marido para a sua comunidade, a família do homem tem direito aos filhos, e existe a poligamia e o levirato.

O processo de concentração urbana no período da guerra colonial e de pós – independência fez-se sobretudo na cidade de Bissau, que passou de 12.034 pessoas em 1950, para 109.214 em 1979¹, e 195.389 em 1991. As características das famílias urbanas que as distinguem dos habitantes rurais, como se pode ver na análise dos recenseamentos feita por RIBEIRO (1987) ou CARDOSO, C. e IMBALI, F. (1993), são sobretudo uma menor dimensão familiar, uma maior mistura étnica nas famílias, mais independência da mulher no casamento e nas actividades económicas, maior número e diferenças nos tipos de actividades económicas predominantes na família, e um maior nível médio de instrução de crianças, jovens e adultos.

Concorda-se com esses autores, quando afirmam que os dados dos censos demonstram que ainda existem, na capital, todos os tipos diferentes de famílias, sobretudo a “alargada” de origem rural (a viver em zonas periurbanas de Bissau) até à família “elementar ou restrita” composta por um casal e filhos menores (em geral de funcionários do Estado ou de organizações internacionais, com instrução formal superior), passando por formas de poligamia com formas de habitação idênticas às do espaço rural ou adaptadas às condições de habitação urbanas.

Para o presente trabalho, a definição de família que se vai utilizar corresponde ao conceito de “família elementar ou restrita”, de acordo com os critérios já esboçados, Este conceito engloba os casais, de jure ou de facto, com filhos menores ou não, a viverem na mesma habitação e do mesmo orçamento, outros parentes e os não parentes, hóspedes existentes na casa no momento do questionário, mas reconhecendo todos os elementos o mesmo chefe de família.

O conceito de “agregado doméstico ou familiar”, utilizado nos recenseamentos de 1979 e 1991, difere do conceito de família elementar ou restrita apresentado, por considerar a relação de parentesco estabelecida entre os membros como o critério principal, e não o orçamento comum (designado por “fogão” na Guiné-Bissau) e a

¹ O recenseamento de 1970 tem sido considerado pouco fiável devido à guerra colonial.

autoridade de um “chefe de família”. As consequências dessa diferença são a ausência nos recenseamentos, dos hóspedes, como membros da família, seja qual for o tempo que têm de permanência junto das restantes pessoas (são recenseados nos respectivas agregados de origem), e a separação em mais de uma família de parentes, por se utilizar a relação de parentesco do núcleo esposo/esposa(s) e filhos menores, como critério principal, independentemente da origem do orçamento de que dependem e da aceitação da autoridade de outra pessoa como “chefe de família”.

1.3. O arroz como medida de bem-estar

O arroz é o produto consumido todos os dias por toda a população independentemente de níveis de consumo, de etnia ou religião, com uma média de 0,378 gramas/dia/pessoa, estimado por responsáveis do SEPCI, em 1983. O que significa numa família de 4-6 unidades de consumo, 551-827 kg/ano.² A razão de tal comportamento tem a ver com o contexto sociocultural do país e não conhecemos qualquer estudo sobre essa questão. É o chefe de família que tem obrigação de fornecer a família com esse produto e é também ele quem distribui o arroz diário. Quem não tem o arroz mínimo para a família, não pode ter família, e não tem outra alternativa senão colocar-se na dependência de outros familiares, ou de alguém que esteja disposto ou tenha obrigação de o abrigar, uma vez que não existe um sistema de segurança social institucional, e a lógica de solidariedade e respeito da sociedade guineense, em tempo de paz, não permite a colocação de idosos ou incapacitados em lares, ou de abandono de menores, como é feito nas sociedades ocidentais.

O apuramento feito directamente dos inquéritos aos orçamentos familiares em 1986, 1991 e 1993/4 originou os resultados que vemos no Quadro 1.

A comparação do número de pessoas com consumo de arroz abaixo da média, nos anos dos inquéritos, revela que de 1986 para 1991 o número de pessoas nessa situação baixa, mas volta a subir em 1993.

Quadro 1. População abaixo da média de consumo de arroz (1986,1991,1993)

Ano	(%)
1986	48.6
1991	27.9
1993	46.7

Fonte: Inquéritos às famílias, 1986, 1991, 1993, INEC, Bissau, Guiné-Bissau.

² Daí a distribuição de um saco de 50 kg por mês aos funcionários e militares.

Dado o significado sócio - cultural do arroz, como produto base na sociedade guineense, e atendendo a que não se detecta nos dados recolhidos qualquer diminuição de consumo com o acréscimo global de despesas das famílias, a evolução referida pode ser interpretada como uma indicação de aumento de acesso a recursos de 1986 para 1991 e uma diminuição de 1991 a 1993.

Para este trabalho procurou-se inquirir a quantidade de arroz consumida mensalmente, por cada família obtendo assim uma medida de bem-estar, facilmente quantificável e significativa de todo o conjunto de recursos que se referiu anteriormente constituírem o padrão de bem-estar.

Ou seja, não é pelo facto de as famílias aumentarem o seu nível de consumo global que passam a consumir em média, uma quantidade menor de arroz por pessoa. Tal processo só é válido até um nível de rendimento médio. A partir desse ponto em geral a refeição da noite passa a incluir outro tipo de alimentos. Os mais pobres comem arroz a todas as refeições todos os dias.

Não se detectou essa evolução em Quelele. Mas no bairro de Belém, no âmbito de um inquérito similar em 2000, verificou-se a existência de uma amostra de 120 inquéritos onde o nível de vida das famílias era considerado pelos inquiridores como melhor mas o nível de consumo de arroz era mais baixo que a média. Em entrevistas concluiu-se que tal hipótese era verdadeira. Ou seja há um conjunto de famílias que desde já substituem o arroz numa das refeições por outros alimentos.

Tentou-se um processo de consideração de outra componente do bem-estar – a habitação - para tentar normalizar os efeitos de um processo similar que exista em Quelele de forma replicável noutros inquéritos de acompanhamento do bem-estar.

Essa metodologia está melhor definida e aplicada no ponto 4 desta primeira Parte – Os níveis de bem-estar.

Um dos problemas com a análise do bem-estar / pobreza é a definição do nível a partir do qual se considera que uma família é não pobre, pobre ou muito pobre. Aqui considerou-se um intervalo de 10 % antes e depois da média mensal por pessoa.³ Ao tomar-se um intervalo evitam-se as críticas à aleatoriedade reconhecida por todos os autores na definição de uma linha precisa de separação dos níveis de bem-estar, e tenta-se responder a uma questão que surgiu recentemente no debate internacional sobre a pobreza: como se considera aquelas famílias que são vulneráveis a ponto de num período curto de tempo poderem subir ou descer em relação a uma linha, passando de pobres a não pobres com facilidade?

³ Poder-se-ia considerar em alternativa a média por unidades de consumo equivalentes. Mas para a análise que se pretende desenvolver não é significativo.

2. AS CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DAS FAMÍLIAS

Antes de entrarmos na análise dos dados quantitativos queríamos deixar aqui uma nota metodológica sobre todos os dados que se vão apresentar. Quando se elabora um cruzamento de variáveis temos igualmente um cruzamento das “Não respostas”. Ou seja, por exemplo, suponhamos que há 10 pessoas que não respondem à pergunta sobre qual a religião que professam, e 5 pessoas que não respondem à questão de qual a zona onde habitam. Se pretendermos obter um quadro com as zonas de habitação por religião, teremos entre 15 e 10 não respostas. Teremos 15 (10 da religião + 5 das zonas) se as pessoas não forem as mesmas que deram Não respostas nas duas variáveis. E teremos menos do que isso se algumas das pessoas forem as mesmas; se as pessoas que deram Não repostas nas zonas também deram Não respostas na religião, então teremos 5 Não respostas de ambos + 5 Não respostas de religião que não coincidem com as Não respostas de zonas. Tudo isto se explica para que o leitor perceba que os números apresentados podem parecer errados por não coincidirem com o numero da mesma variável apresentado noutro quadro. Mas tal deve-se simplesmente a esta existência de Não respostas.

Refira-se antes de mais que este inquérito foi conduzido antes, durante e após o conflito. Com efeito a formação e o trabalho de recolha iniciaram-se na semana anterior ao seu início. Os inquiridores que ainda recolheram dados no primeiro fim-de-semana de guerra (7 de Junho) guardaram os boletins durante meses e pôde-se recuperar e acabar o inquérito depois de findos os confrontos militares. Em Agosto de 1999, quando se inquiriram as famílias verificou-se que cerca de 232 casas estavam desabitadas não se sabendo ao certo quantas famílias voltariam.

De uma amostra de 125 famílias, em 66 % todos os membros voltaram simultaneamente ao bairro; em 30 % dos casos, primeiro voltou um dos membros e só depois os restantes. A percentagem remanescente constitui as famílias das quais só tinha voltado um membro.

O número de habitantes no bairro nos anos próximos pode ser estimado do seguinte modo:

- vamos utilizar as taxas de crescimento natural geral do país,
- vamos acrescentar o número de pessoas provindas de famílias que se deslocam para o bairro, como se isso acontecesse todos os anos.

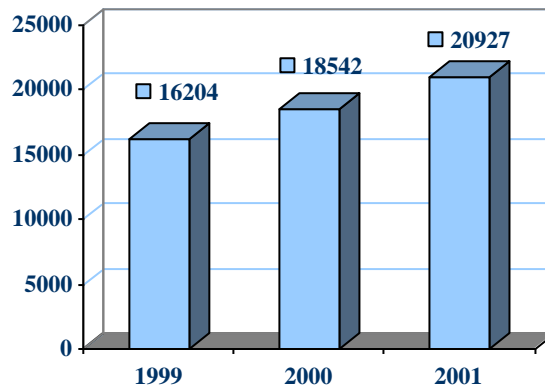
Assim teríamos:

- (1) População em 1998/1999 = 16204
- (2) Médias de pessoas por família = 7,7
- (3) Famílias a viverem há um ano ou menos no bairro = 262
- (4) Pessoas a viverem à menos de um ano no bairro = $262 \times 7,7 = 2017$ pessoas
- (3) Taxa de crescimento natural da população do país = 2,0 % anual (segundo o PNUD, Relatório do Desenvolvimento Humano 2000)

(4) População em 1999/2000 = (1) x (3) + (2) = 16204 x 1,02 + 2014 = 18 542

(5) População em 2001 = 18 542 x 1,02 + 2014 = 20 927

**Gráfico 3. Projecção da População do Bairro
(milhares de habitantes)**



Ou seja o bairro teria no presente ano de 2000 cerca de 18 542 habitantes. Este processo de cálculo parte do princípio que existe espaço para instalação desses novos moradores. Não temos meios para calcular qual o ritmo de ocupação da área do bairro. A ideia de quem conhece o terreno é que ainda existe muita terra a ocupar. (Ver mapa do bairro)

Das características demográficas do bairro que se podem ver no QUADRO 2, saliente-se a desproporção entre o número de homens e mulheres, havendo sempre em todas as datas em que o inquérito foi realizado mais homens do que mulheres nas famílias. Em 20 pessoas há 11 homens e 9 mulheres. Havendo nos censos do país de 1979 e de 1991 uma percentagem de tendência inversa de cerca de 48 % para os homens e 52 % para as mulheres. Julgo que a diferença tem a ver com o bairro ser uma zona de recepção de migrantes do mundo rural para o urbano. E nesses processos os homens vêm sempre primeiro, e só depois os restantes membros da família.

O número médio de pessoas por família de 7,7 é superior ao total de Bissau em 1991 que era de 6,2. Tal número aponta na mesma direcção daquilo que dissemos: o bairro recebe migrantes do campo. As famílias recebem parentes e amigos que vêm tentar criar condições para viver na cidade.

Note-se ainda o número de famílias por habitação. É um indicador que não encontrámos em inquérito similar em bairros suburbanos em Maputo. Ou seja enquanto em Maputo encontrámos uma família por habitação aqui existem 724 habitações num total de 1504, onde vivem mais de uma família. Qual o significado deste dado? Não sabemos. Em Maputo o problema da posse da terra tem uma dimensão inexistente em Bissau. Será que o processo de concentração urbana está mais atrasado em Bissau? É muito provável, pois a guerra civil em Moçambique só terminou em 1991, e fez fugir muitas famílias do campo para as cidades. Mas parece-me não ser suficiente para explicar uma diferença tão radical.

Quadro 2. Famílias, pessoas por sexo, e habitações, por data de realização do inquérito

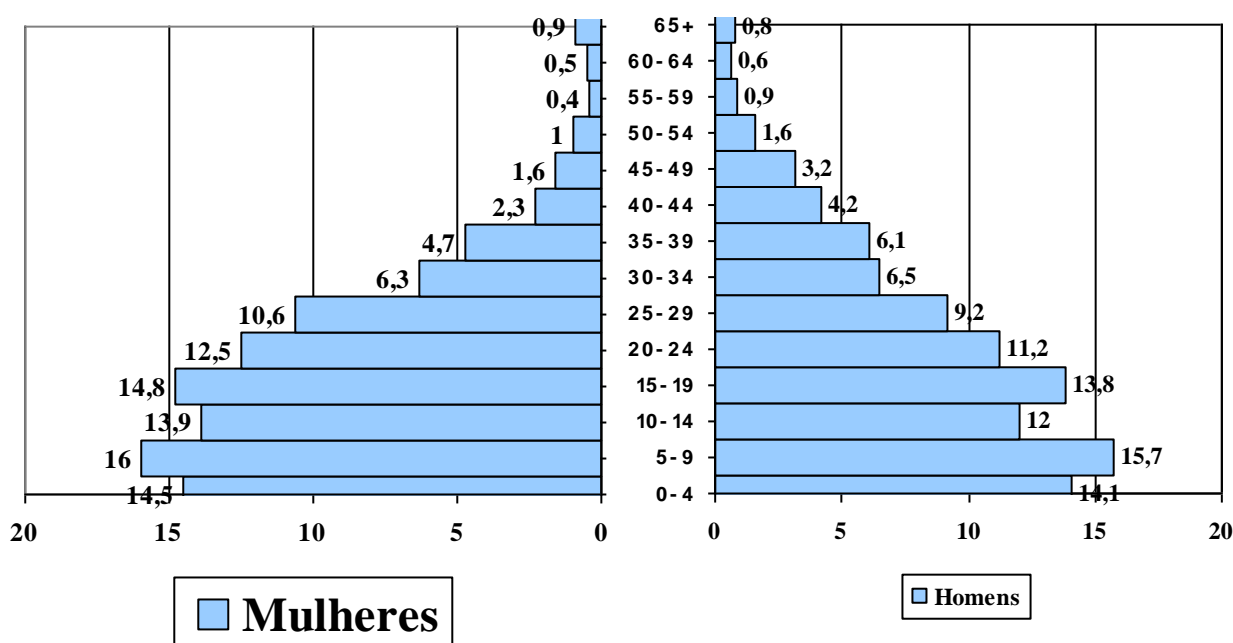
Data de realização do inquérito	Famílias	Pessoas por sexo		Habitações do bairro (1)			
	Número	Total	Homens	Mulheres	Total	Inquiridas	Abandonadas
Em 1998 (inquiridas antes do conflito)	956	6758	3674	3084	534	534	26 (*)
Em 1999 (inquiridas depois do conflito)	978	8393	4526	3867	675	675	206 (*)
Inquiridas em 2000	166	1053	532	521	295	157	138
TOTAL	2100	16204	8732	7472	1504	1366	138

Fonte: Observatório do Bem-estar, Quelele, Bissau.

Não respostas: Não existem nas variáveis Famílias, Total de Pessoas e Habitações, uma vez que estas são variáveis de base, que contam os inquéritos feitos, as pessoas que constam nesses inquéritos, e daí se conclui pelo número de habitações.

Nota: (*) Estes valores não entram no total uma vez que estas casas foram sendo inquiridas nos períodos seguintes
Das habitações inquiridas 724 tinham mais de uma família.

Gráfico 4. Pessoas por escalões de idade e sexo



Fonte: Observatório do Bem-estar, Quelele, Bissau.

Percentagens só respostas válidas.

A pirâmide etária do bairro tem as características dos países da zona. Uma forte concentração de jovens até aos 14 anos de 43 % do total. Mesmo assim inferior à do Sector de Autónomo de Bissau em 1991, que era de 46 %. Sendo um bairro de recepção de migrantes do campo, tem uma percentagem de jovens e adultos entre os 15 e os 44 anos mais alta que a totalidade do SAB.

Não encontramos, portanto, nenhuma diferença muito significativa na composição etária do bairro em relação ao país e ao Sector Autónomo.

O número de chefes de família que são mulheres é muito baixo, tal como o número de esposas por família. Enquanto em dados por amostragem para a cidade de Bissau, em 1991 e 1993/4,4 tínhamos cerca de 20 % das famílias com chefes femininos, em Quelele apenas encontramos 7 %. Mais uma vez a interpretação desse dado se faz pelo facto de existir uma parte significativa das famílias composta de migrantes.

Os quadros 4-A,B e C, permitem-nos construir a família média do bairro, em termos de parentesco. Assim teremos a família maioritária será composta por um chefe de família masculino, uma esposa, dois filhos homens, uma ou duas filhas raparigas, um ou nenhum sobrinho e um ou nenhum irmão do chefe.

Note-se que na Guiné – Bissau o estado civil de viuvez raramente surge nas respostas, uma vez que a relação com o parentesco é feita sempre em função do chefe de família. Se uma mulher perde o marido, ela própria, um filho adulto ou um irmão tornam-se imediatamente chefe de família.

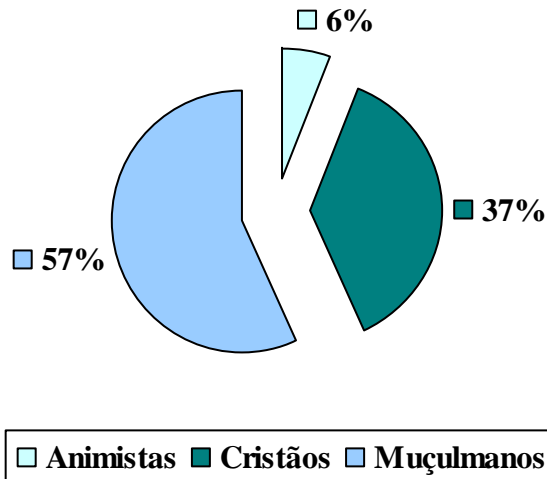
Um elemento social importante na sociedade guineense é a religião que as pessoas professam, com implicações na unidade nacional, a par com a pertença étnica.

⁴ PROENÇA(2001).

Vários inquiridores deste inquérito e do Recenseamento de 1991, me disseram que a resposta “Não tenho” significa simplesmente que a pessoa é animista, mas não considera tal como uma religião. Também é vulgar afirmar-se que sobretudo muitos cristãos “acumulam” com práticas animistas.

No bairro a estrutura dos habitantes por religião pode obter-se do Gráfico 5 e é a seguinte: Animistas: 6 %, Cristãos: 37 % Muçulmanos: 57 %.

Gráfico 5. Religiões presentes no bairro



O bairro está dividido em zonas. Ignoro se a definição dessas zonas tem a ver com alguma divisão administrativa, de distritos de recenseamento, ou outro motivo qualquer. (Ver mapa do bairro)

As zonas três, cinco e seis são de predomínio muçulmano. As zonas um e dez são divididas entre muçulmanos e cristãos quase igualmente. Apenas a zona oito tem maioria cristã. Ignoro se existe alguma explicação para esta divisão. É provável que decorra apenas da localização geográfica no bairro das etnias dos primeiros habitantes, que ao longo do tempo foram atraindo outras famílias. Note-se que, para as crianças, foi aceite aquilo que os pais disseram: se lhes atribuíam uma religião ou se afirmavam ainda não terem idade para tal.

Quadro 3. Pessoas por zona do bairro e religião

ZONA DO BAIRRO	RELIGIÃO				TOTAL (1)
	Animista	Cristã	Muçulmana	Não Resposta	
Um	58	405	384		847
Dois	52	378	674	5	1110
Três		564	1085		1649
Quatro		201	865	5	1071
Cinco	29	597	1764		2390
Seis	162	385	1209	5	1761
Sete	118	351	538		1007
Oito	225	895	532	2	1655
Nove	107	375	511	24	1017
Dez	79	896	950	2	1928
Onze	133	951	598	88	1769
TOTAL	963	5998	9110	131	16204

Fonte: Observatório do Bem-estar, Quelele, Bissau.

Os quadros 6 e 7 dão-nos a informação de quais as etnias presentes em números significativos no bairro: primeiro de todas a etnia Fula, depois os Mandinga e em terceiro os Balanta e Pepel em igual número de famílias.

O cruzamento desta variável com a Religião permite confirmar que os muçulmanos vêm sobretudo dos Fula, Mandinga e a alguma distância Beafada. A religião cristã é professada sobretudo por Balanta, Pepel, Manjaco e Mancanha. Como os animistas provêm em maioria também dessas etnias, confirma-se a ideia que a grande fonte de recrutamento das igrejas cristãs são essas populações. E também o rumor de “acumulação” de cristãos e animistas que referimos anteriormente.

Quadro 4 – A. Pessoas por escalões de idade e parentesco com o/a chefe de família

ESCALÕES ETÁRIOS	PARENTESCO COM O/A CHEFE DE FAMÍLIA									
	Chefe		Esposa		Filho		Filha		Sobrinho	
	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%
0 – 4					966	25,4	810	25,6	88	9,2
5 – 9					1057	27,8	889	28,1	112	11,8
10 – 14			22	1,0	745	19,6	711	22,5	139	14,6
15 – 19	19	0,9	235	10,6	571	15,0	481	15,2	244	25,6
20 – 24	80	3,9	477	21,5	293	7,7	182	5,7	200	21,0
25 – 29	260	12,7	571	25,8	107	2,8	61	1,9	116	12,2
30 – 34	349	17,1	368	16,6	40	1,1	21	0,7	31	3,3
35 – 39	438	21,4	281	12,7	13	0,3	7	0,2	18	1,9
40 – 44	331	16,2	130	5,9	6	0,2	2	0,1	4	0,4
45 – 49	264	12,9	73	3,3	2	0,1				
50 – 54	132	6,5	34	1,5						
55 – 59	71	3,5	10	0,5			1	0,0		
60 – 64	49	2,4	6	0,3			2	0,1		
65 e +	53	2,6	8	0,4						
Não resposta	54	-	27	-	12	-	9	-	10	-
TOTAL	2100	100,0	2242	100,0	3812	100,0	3177	100,0	962	100,0

Fonte: Observatório do Bem-estar, Quelele, Bissau.

Quadro 4 – B. Pessoas por escalões de idade e parentesco com o/a chefe de família

ESCALÕES ETÁRIOS	PARENTESCO COM O/A CHEFE DE FAMÍLIA									
	Irmão		Sobrinha		Cunhada		Irmã		Cunhado	
	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%
0 – 4	10	1,1	103	18,2	13	3,3	4	1,4	13	5,1
5 – 9	33	3,6	134	23,7	35	9,0	14	5,1	20	7,9
10 – 14	47	5,1	122	21,6	45	11,6	45	16,2	27	10,6
15 – 19	186	20,2	116	20,5	98	25,2	69	24,9	57	22,4
20 – 24	227	24,6	47	8,3	92	23,7	64	23,1	54	21,3
25 – 29	210	22,8	24	4,2	55	14,1	37	13,4	39	15,4
30 – 34	100	10,8	10	1,8	16	4,1	17	6,1	17	6,7
35 – 39	55	6,0	5	0,9	8	2,1	10	3,6	13	5,1
40 – 44	24	2,6	1	0,2	4	1,0	4	1,4	7	2,8
45 – 49	16	1,7	3	0,5	6	1,5	3	1,1	2	0,8
50 – 54	5	0,5			5	1,3	3	1,1	1	0,4
55 – 59	2	0,2			3	0,8	2	0,7	1	0,4
60 – 64	3	0,3			3	0,8	2	0,7	1	0,4
65 e +	4	0,4			6	1,5	3	1,1	2	0,8
Não resposta	20	-			5	-	2	-	4	-
TOTAL	942	100,0	565	100,0	394	100,0	279	100,0	258	100,0

Fonte: Observatório do Bem-estar, Quelele, Bissau.

Quadro 4 – C. Pessoas por escalões de idade e parentesco com o/a chefe de família

ESCALÕES ETÁRIOS	PARENTESCO COM O/A CHEFE DE FAMÍLIA									
	Neto		Neta		Primo		Enteado		TOTAL	
	Número	%	Número	%	Número	%	Número		Número	%
0 – 4	120	47,2	105	44,7	6	2,7	15	9,1	2296	14,3
5 – 9	80	31,5	55	23,4	11	5,0	34	20,7	2537	15,8
10 – 14	27	10,6	39	16,6	8	3,6	47	28,7	2076	12,9
15 – 19	17	6,7	15	6,4	40	18,1	39	23,8	2287	14,2
20 – 24	7	2,8	13	5,5	60	27,1	20	12,2	1896	11,8
25 – 29	1	0,4	4	1,7	47	21,3	7	4,3	1585	9,9
30 – 34	2	0,8	2	0,9	28	12,7	1	0,6	1032	6,4
35 – 39			1	0,4	8	3,6	1	0,6	874	5,4
40 – 44			1	0,4	3	1,4			534	3,3
45 – 49					5	2,3			395	2,5
50 – 54					1	0,5			212	1,3
55 – 59									103	0,6
60 – 64					2	0,9			90	0,6
65 e +					1	0,5			135	6,8
Não resposta					1	-	1	-	158	-
TOTAL	254	100,0	235	100,0	221	100,0	165	100,0	16204	100,0

Fonte: Observatório do Bem-estar, Quelele, Bissau.

Quadro 5. Famílias por zona e etnia do chefe de família

ZONA DO BAIRRO	Balanta	Pepel	Fula	Manjaco	Mandinga	Misto	Mancanha	Beafada	Estrangeiro	TOTAL
Um	13	24	19	20	28	1	9	4	2	125
Dois	29	4	41	5	37		9	8	2	153
Três	16	4	76	9	28	2	13	10	1	180
Quatro	14	1	64	3	36	2	6	5	1	138
Cinco	24	8	94	27	100	2	16	21	7	319
Seis	14	14	53	17	44	5	23	19	13	230
Sete	31	11	33	13	28	1	2	11	3	141
Oito	28	47	34	36	22	6	5	6	7	211
Nove	33	13	37	9	26	1	1	3	5	139
Dez	21	73	61	19	31		4	5	8	230
Onze	52	70	54	10	17	1	2	10	2	234
TOTAL	275	269	566	168	397	21	90	102	51	2100

Fonte: Observatório do Bem-estar, Quelele, Bissau.

Quadro 6. Pessoas por zona e etnia do chefe de família

ZONA DO BAIRRO	Balanta	Pepel	Fula	Manjaco	Mandinga	Misto	Mancanha	Beafada	Estrangeiro	TOTAL
Um	80	130	118	139	216	20	69	22	21	847
Dois	226	49	290	25	248	1	87	81	12	1110
Três	158	60	672	64	273	62	118	88	5	1649
Quatro	81	15	536	18	250	7	51	56	5	1071
Cinco	216	62	610	179	874	10	123	157	34	2390
Seis	86	119	340	117	474	25	181	220	42	1761
Sete	198	75	228	97	244	17	12	45	19	1007
Oito	207	398	263	248	188	140	43	31	34	1655
Nove	229	98	269	75	200	11	5	19	19	1017
Dez	139	648	632	134	251	3	27	27	37	1928
Onze	433	520	442	71	123	7	9	77	11	1769
TOTAL	2053	2174	4400	1167	3341	303	725	823	239	16204

Fonte: Observatório do Bem-estar, Quelele, Bissau.

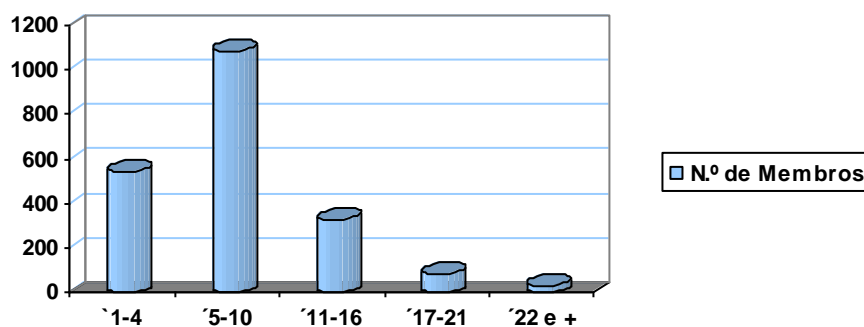
Quadro 7. Número de famílias por zonas e número de membros

ZONA DO BAIRO	NÚMERO DE MEMBROS					TOTAL
	Entre 1-4 Membros	Entre 5-10 membros	Entre 11-16 membros	Entre 17-21 membros	22 e mais membros	
Um	35	74	11	4	1	125
Dois	62	62	16	10	3	153
Três	27	95	39	16	3	180
Quatro	45	61	23	5	4	138
Cinco	88	168	46	10	5	319
Seis	82	87	36	11	8	230
Sete	42	73	21	4	1	141
Oito	43	118	40	5	2	211
Nove	22	90	24	1		139
Dez	49	120	41	13	5	230
Onze	50	136	33	8	1	234
TOTAL	545	1084	330	87	33	2100

Fonte: Observatório do Bem-estar, Quelele, Bissau.

Deste Quadro 7 saliente-se a concentração no padrão de família com membros entre 5 e 10 pessoas. As famílias com membros entre 1 e 4 membros, mais próximas de um padrão urbano e de países mais desenvolvidos, têm uma percentagem de 26 %, relativamente alta para o país, de acordo com dados dos recenseamentos. O gráfico 6 exprime visualmente esta distribuição:

Gráfico 6. Famílias por número de membros



3. A INSTRUÇÃO

A instrução é um elemento importante para o bem-estar dos habitantes do bairro. Com uma escola oficial e cerca de duas dezenas de escolinhas populares/privadas, num total de alunos estimado de 2000 crianças e jovens, continuam a ser minoritários os estudantes que frequentam o ensino em estabelecimentos no interior do bairro.

A divisão entre sexos dos estudantes segue a estrutura de género do bairro, como se pode ver no Quadro 8.

O hábito das famílias de não respeitar os escalões legais de idade para enviar as crianças à escola, invalida os indicadores clássicos do número de matrículas por crianças de um grupo etário que, legalmente deveria estar na escola.

O que podemos dizer pelo Quadro 8 é que temos um indicador de relação entre todas as pessoas que têm idade para frequentarem ou terem frequentado alguma escola oficial, privada ou corânica e aqueles que nunca frequentaram nenhum estabelecimento de ensino que nos diz que 32 % de pessoas nunca frequentaram qualquer estabelecimento de ensino, sendo analfabetas. Tal número coloca o bairro mesmo ligeiramente melhor do que a média da Africa Sub Saariana (39%) e é muito surpreendente, pois as organizações internacionais dão como indicador para a Guiné-bissau o valor de 62 % de pessoas adultas (+ de 15 anos) que nunca frequentaram qualquer nível de ensino. Será o resultado do número elevado de escolas populares privadas, ou de programas de alfabetização de adultos? Mas num bairro de recepção de emigrantes rurais não me parece lógico que a percentagem de pessoas que esses programas possam abranger marque uma tal diferença.

Quadro 8. Estudantes por sexo e níveis de bem-estar

Rubricas	Número	%
Estudantes por sexo		
Masculino	2895	57,8
Feminino	2111	42,2
TOTAL	5006	100

Fonte: Observatório do Bem-estar, Quelele, Bissau

Quadro 9. Pessoas por escalões etários e habilitações

ESCALÕES ETÁRIOS	HABILITAÇÕES LITERÁRIAS						
	Não frequentou	Primário	Secundário	Superior	Corânico	Criança	TOTAL
0 – 4						2296	2296
5 – 9	374	1176			110	876	2536
10 – 14	316	1537	127		81		2058
15 – 19	648	909	626		91		2274
20-24	698	469	608	4	107		1886
25 – 29	666	365	411	4	124		1570
30 – 34	424	236	281	5	72		1018
35 – 39	350	211	230	11	56		858
40 – 44	198	132	146	6	43		525
45 – 49	170	105	77	1	37		390
50 – 54	104	66	22	1	15		208
55 – 59	56	25	11		10		102
60 – 64	53	16	5		15		89
65 e mais	84	22	4		21		131
Não resposta							
TOTAL	4198	5282	2568	32	792	3172	15941

Fonte: Observatório do Bem-estar, Quelele, Bissau.

4. OS NÍVEIS DE BEM-ESTAR

A desigualdade é sempre um tema difícil de tratar e abordar em reuniões ou debates públicos ou em grupo.

Para mais num espaço circunscrito dum bairro, onde a maior parte das pessoas se conhece, pelo menos de vista.

E para as etnias principais (todas ou só os Balanta como já ouvi dizer muitas vezes?) o sucesso individual não é bem aceite socialmente se não incluir uma componente de distribuição social. É evidente que entre grupos sociais com um nível de vida pobre, isto assume menos importância. Mas os vários observadores externos⁵ apontam uma evolução positiva do desenvolvimento do bairro que, se continuar, levará a uma subida de rendimento dos moradores. E inevitavelmente um crescimento da desigualdade entre aqueles que conseguem maior e mais rápido acesso a recursos e aqueles que não conseguem ou só conseguem mais lentamente.

A resposta possível é realizar acções sempre tendo presente que essa evolução é inevitável, mas atenuável por uma política local dirigida expressamente para atacar a exclusão e a pobreza, onde participem um número alargado de habitantes, sejam os mais bem sucedidos sejam os menos bem sucedidos.

A caracterização multi-dimensional do bem-estar e da pobreza feita no ponto 1.1 implica que, tanto quanto possível sem esquecermos as lições tiradas de toda a história de tentativas anteriores de construção de indicadores agregados em várias organizações internacionais, procuremos construir um indicador de nível de bem-estar agregando variáveis significativas de diferentes componentes do padrão expresso na pirâmide de Baulch, gráfico 1.

Vamos considerar o arroz como proxy do consumo alimentar, e a cobertura e o soalho como proxy da habitação. Esta escolha vem de estarmos convencidos de que a casa é um bem que se relaciona com a posição social, (componente do bem-estar Recursos Sociais Fam/Etnia/Religião), para além do acesso a património. É um recurso multi dimensional.

Tal escolha vem também na linha daquilo que o BM/PNUD/UNICEF procuraram fazer em vários países (conhecemos documentos sobre a experiência no Quénia, e no Gana em 1996) com o Inquérito rápido de bem-estar (Core Welfare Indicators), embora sem procurarem elaborar um indicador de síntese com os resultados e recorrendo a métodos econométricos a partir dos inquéritos às receitas e despesas familiares do país.

Assim, se procurarmos conjugar os indicadores Cobertura da Habitação, Soalho da Habitação e Consumo de Arroz, a nível de cada família, podemos ter as hipóteses do Quadro 10. Essas hipóteses obedecem a escolhas que podem ser discutíveis. Por exemplo considerou-se que uma família com zinco no telhado, abaixo da média de consumo de arroz e terra batida no soalho é do nível mais pobre. Isto porque a distribuição de chapas de zinco é das actividades que podem ser feitas colectivamente sem depender da evolução do acesso a recursos da família por si própria.

⁵ Para além dos parceiros externos que se podem ver nos relatórios da AD, conhecemos duas teses de mestrado em Antropologia e Educação sobre o bairro (ISCTE/Lisboa) e uma em urbanismo (ULHT/Lisboa). Está em curso outra sobre as escolas populares (UA/Lisboa) e um estudo sobre metodologia de desenvolvimento (OIT/Genebra). Um dos responsáveis alemães na GTZ pelos PALOP dizia-me em 1999, em Cabo Verde, que o trabalho da AD na Guiné – Bissau e o da ADRA em Angola eram o melhor que ele conhecia em todos os PALOP.

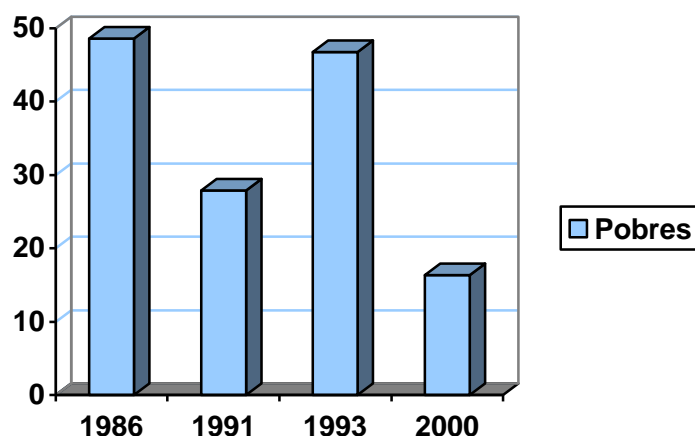
Os valores obtidos podem ser vistos no Quadro 10, e são bastante diferentes do que se utilizássemos a medida unidimensional do consumo de arroz. Neste último caso teríamos 56,7 % de Mais pobres, 20,2 % Na média e 23,1 % de Menos pobres.

Ou seja se procurarmos uma medida de bem-estar que contemple mais componentes do que o consumo, obtemos valores de desigualdade muito menos acentuados.

Assim teríamos um conjunto de moradores que além de conseguirem acesso à alimentação básica em quantidades suficientes para as necessidades familiares, possuem habitação com condições acima das mais pobres – com tecto de zinco em vez de palha e com soalho de cimento ou outro em vez de terra batida.

E, apesar das reservas necessárias pela utilização de diferentes metodologias, a comparação feita no Gráfico 3 entre os valores obtidos em anos anteriores para Bissau, por amostragem, a partir de todo o orçamento familiar, incluindo acesso a recursos para além da alimentação como bens imóveis e equipamento doméstico, é muito favorável à acção desenvolvida no bairro.

Gráfico 7. Percentagem de população inquirida abaixo da média



Quadro 10. Critérios de níveis compostos de bem-estar

Recursos de bem-estar	Níveis compostos de bem-estar		
	Mais pobres	Na média	Não pobres
Consumo de arroz	Abaixo da média	Acima da média	Abaixo, Acima ou Na média
Cobertura da casa	Palha ou Zinco	Zinco	Zinco ou Telha
Soalho da casa	Terra batida	Terra batida	Cimento ou Mosaico ou Misto
Consumo de arroz	Abaixo da média	Acima da média	
Cobertura da casa	Palha	Palha	
Soalho da casa	Cimento, Mosaico ou Misto	Terra batida, Cimento, Mosaico ou Misto	
Consumo de arroz	Na média	Na média	
Cobertura da casa	Palha	Palha	
Soalho da casa	Terra batida	Cimento ou Mosaico ou Misto	

Quadro 11. Famílias por níveis de bem-estar

(segundo o indicador composto alimentação/habitação)

Total das Famílias		Mais pobres		Na média		Menos ou Não pobres	
N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
1983	100,0	364	16,4	399	17,9	1220	54,8

O Quadro 12 permite ter uma ideia da distribuição da desigualdade no bairro. Por esses dados teremos que as zonas com menos pobreza são a Dois e a Seis. As zonas com mais pobreza são as Um, Quatro e Dez. As percentagens de famílias mais pobres são todas relativamente idênticas nas diferentes zonas.

Quadro 12. Famílias por zona do bairro e níveis de bem-estar (1)

ZONA DO BAIRRO	NÍVEIS DE BEM-ESTAR			TOTAL
	Menos do que a média	Na média	Mais do que a média	
Um	29	29	61	119
Dois	20	22	104	146
Três	27	11	139	177
Quatro	39	19	76	134
Cinco	54	47	208	309
Seis	30	39	140	209
Sete	20	18	90	128
Oito	32	25	136	193
Nove	23	34	78	135
Dez	52	85	88	225
Onze	37	69	99	205
TOTAL	363	398	1219	1980

Fonte: Observatório do Bem-estar, Quelele, Bissau.

Nota: (1) Nível de bem-estar definido a partir do consumo por pessoa de arroz

Quadro 13. Famílias por variáveis e níveis de bem-estar

VARIÁVEIS	NÍVEIS DE BEM-ESTAR			TOTAL
	Menos do que a média	Na média	Mais do que a média	
Raça/Etnia				
Balanta	56	61	145	262
Papel	60	98	94	252
Fula	73	84	376	533
Manjaco	12	20	130	162
Mandinga	89	65	220	374
Misto	1	1	17	19
Estrangeiro	1	6	38	45
Mancanha	24	18	45	87
Beafada	21	15	59	95
Outras	20	21	88	129
Religião				

Animista	35	36	61	132
Cristã	134	170	435	739
Muçulmana	186	179	711	1076
Instrução				
Analfabeto	122	121	267	510
Primária	114	130	339	583
Corânica	32	26	118	176
Secundário	76	100	438	614
Superior	1	3	16	20

Fonte: Observatório do Bem-estar, Quelele, Bissau.

O cruzamento de várias variáveis com os níveis compostos de bem-estar permite raciocinar sobre a desigualdade de uma forma multi dimensional. O Quadro 13 diz-nos que as famílias de etnia Fula e sobretudo Manjaco são os menos pobres, enquanto os Mancanha, Papel e Mandinga estão entre os mais pobres.

Se cruzarmos com a Religião, teremos que as famílias animistas são as mais pobres, e as cristãs e muçulmanas têm uma percentagem de pobres muito equivalente, embora os segundos tenham maior percentagem de não pobres.

O apuramento dos níveis de bem-estar por sexo do chefe de família, que se pode ver no Quadro 14, não permite concluir nenhuma diferença significativa. O que aliás não é surpreendente pois a profissão mais comum nas famílias com chefes mulheres é o pequeno comércio, que consegue com alguma facilidade acesso à alimentação de base.

Quadro 14. Famílias por sexo do chefe de família e níveis de bem-estar (%)

SEXO DO CHEFE	NÍVEIS DE BEM-ESTAR			TOTAL
	Menos do que a média	Na média	Mais do que a média	
Homem	18,5	19,5	62,0	100,0
Mulher	15,0	24,3	60,7	100,0

Fonte: Observatório do Bem-estar, Quelele, Bissau.

5. AS CONDIÇÕES DE HABITAÇÃO, ÁGUA, ILUMINAÇÃO, ENERGIA DE COZINHA E SANEAMENTO

Nos três momentos em que foi realizado o inquérito detectaram-se habitações não ocupadas. No último momento, já um ano depois do final da guerra, procuraram-se inquirir exaustivamente todas as casas em falta. Mesmo assim cerca de 9% do total das casas não se encontraram habitadas. Ignoro porquê. Será que os habitantes constroem casas para ocupar o espaço livre com o objectivo de mais tarde terem familiares seus habitando perto? Será que parte dos habitantes emigra ou muda de bairro e deixam as casas que construíram sem as venderem ou alugarem a alguém?

As condições de habitação revelam alguma evolução nesta componente do bem-estar. Com efeito a esmagadora maioria das casas tem chapas de zinco no telhado evitando assim os problemas de incêndios e de trabalho que a cobertura de palha necessita com muito maior frequência do que as chapas de zinco.

As casas com cobertura de palha sendo tão poucas mereceriam uma atenção especial em anos futuros, de forma a eliminar esse perigo de fogos e melhorar o nível de bem-estar dos habitantes.

Quadro 15. Habitações por zona

	OCUPADAS	DESOCUPADAS
Um	106	7
Dois	75	6
Três	93	9
Quatro	67	1
Cinco	180	7
Seis	122	7
Sete	84	2
Oito	143	12
Nove	106	8
Dez	191	34
Onze	200	45
TOTAL	1366	138

Fonte: Observatório do Bem-estar, Quelele, Bissau.

Quadro 16. Habitações por materiais de construção

Materiais	Habitações		TOTAL
	Ocupadas	Desocupadas	
Cobertura			
Palha	143	20	163
Zinco	1191	96	1287
Telha	6	2	8
Outros	1	0	1
Não resposta	24	3	27
Desocupada		17	17
Soalhos			
Terra batida	517	100	617
Cimento	727	13	740
Mosaico	23	1	24
Misto	32	1	33
Não resposta	66	2	68
Desocupada	1	21	22
Paredes			
Adobe	1185	88	1273
Tijolo	16		16
Taipa	67	11	78
Bloco	29	14	43
Adobe/Bloco	50	5	55
Adobe/Tijolo	1		1
Bloco/Taipa	4		4
Não resposta	9		9
Desocupada	1	20	21
TOTAL	1366	138	1504

Fonte: Observatório do Bem-estar, Quelele, Bissau.

O soalho de cimento parece ser também um elemento que as populações procuram. Neste caso ainda há uma percentagem significativa que se mantém com terra batida. É curioso que as casa de soalho misto, que basicamente julgava ser de algumas divisões de terra batida e outras de cimento, são um número muito baixo. Ou há aqui um erro de inquérito ou então significa que a prática de ir cimentando a casa à medida que se vai conseguindo meios para tal, não se verifica, e as pessoas preferem ou ter tudo em cimento ou em terra batida.

Quadro 17. Habitações por condições de vida (água e esgotos)

Condições	Famílias	Condições	Famílias	TOTAL
Acesso a água própria		Acesso a água alheia		Acesso a água
Poço/Fonte	555	Poço/Fonte	422	977
Canalizada	72	Canalizada	13	85
		Fontanário	234	234
Total	627	Total	669	1296
Acesso a esgotos próprio		Acesso a esgotos alheios		Acesso a esgotos
Fossa	207	Fossa	27	234
Cerco	935	Cerco	97	1032
Latrina	55	Latrina	1	56
		Rua	3	3
Total	1297	Total	128	1325

Fonte: Observatório do Bem-estar, Quelele, Bissau.

O material de revestimento de paredes tem um domínio absoluto do adobe. Provavelmente por ser o mais adequado ao clima, e de custo baixo. Mas não deixa de ser curioso que mesmo as pessoas menos pobres prefiram esse material.

O modo de acesso a água é uma componente fundamental no bem-estar, com consequências importantes a nível da saúde. Mesmo supondo que a água canalizada e dos fontanários é tratada, a percentagem de 25 % população abrangida é muito baixa.

Note-se que os dados da UNICEF dão como população com acesso a água tratada (*safe water*) 43 % do total do país. Tal percentagem parece-me muito desfasada da realidade. A nível do bairro ignoro se a população trata de alguma forma a água dos Poços antes de beber ou utilizar para cozinhar alimentos, mas a nível central a idade das canalizações faz-nos suspeitar que algum tratamento de água seja eficaz.

As condições de saneamento são bastantes más, partindo do princípio que o “cerco” é um meio muito rudimentar e pouco higiénico de esgotos. Sendo conhecidas as reticências da população a ter fossa, o número recenseado é razoável. Mas as famílias com a melhor das alternativas – as latrinas – são muito poucas. É claramente um elemento a trabalhar para melhoria do bem-estar.

Como seria de esperar o combustível utilizado na casa inclui, praticamente na totalidade, materiais de origem vegetal. Lenha ou carvão ou ambas, ou combinação de algum destes meios com outros menos usados. Não é um factor positivo se considerarmos a degradação ambiental que o corte de árvores provoca.

Não me parece todavia que seja possível ter alternativas viáveis a nível de bairro.

Quadro 18. Famílias por condições de vida (energia de cozinha, modo de iluminação)

Condições	Famílias
Energia para cozinhar	
Lenha	217
Carvão	1264
Gaz	20
Lenha/Carvão	391
Gaz/Carvão	105
TOTAL	1997
Modo de iluminação	
Electricidade	212
Petróleo	39
Gasóleo	865
Vela	233
Electric./Vela	237
Electric./Petróleo	39
Petróleo/Vela	243
Gasóleo/Vela	18
TOTAL	1886

Fonte: Observatório do Bem-estar, Quelele, Bissau.

6. AS ACTIVIDADES ECONÓMICAS

Um primeiro aspecto a focar é capacidade do bairro proporcionar trabalho aos seus próprios moradores. Constitui um indicador de integração na cidade e de estabilização social da zona e dos seus habitantes.

Para Quelele temos actividades exercidas fora do bairro numa percentagem superior a 70% da população que a pratica: agricultura, transportes, saúde, guarda e todas as actividades ligadas à administração pública ou ao sector formal como por exemplo contabilista.

Profissões exercidas no bairro nessas mesmas percentagens apenas as vendedoras (bideiras), as costureiras e os padeiros. Note-se que as actividades que são exercidas simultaneamente dentro e fora do bairro são aquelas ligadas à construção civil.

As actividades exercidas pelos habitantes estão classificadas segundo as categorias da CAE no Quadro 19 a 22. Como se pode verificar as actividades maioritárias são a transformadora, a construção civil e o comércio. Note-se que na discriminação das profissões aquelas que estão incluídas nas transformadoras são na realidade pequenas actividades, que podem abranger artesanato, construção de móveis, ferreiro, etc. Ou seja actividades que são desenvolvidas de forma muito informal em pequenos estabelecimentos e dirigidos a um mercado local.

Mas se procurarmos as profissões dos chefes de família já temos um peso também significativo da Administração Pública com 25% das famílias em Bissau.

Quadro 19. Chefes de família por ocupação/profissão e sexo

OCUPAÇÃO/PROFISSÃO	Número
Agricultura	96
Pesca	6
Extractivas	0
Transformadora	127
Electri. Gás e Água	0
Construção Civil	330
Comércio	463
Hoteis e Restauração	17
Transportes e Com.	280
Financeiras e Seguros	0
Imobiliárias	0
Adm. Pública e Defesa	339
Educação	72
Saúde e Acção Social	34
Outros Serviços	96
Serviços Domésticos	13
TOTAL	1873

Fonte: "Observatório do Bem-estar no bairro de Quelele", Bissau.

No inquérito sobre o impacto da guerra inquiriu-se a importância relativa para as famílias das ocupações/profissões dos chefes de famílias.

Não foi feito nenhum esforço para definir pelo inquiridor “a mais importante”, deixando-se a quem respondia a possibilidade de o fazer de acordo com as suas próprias ideias. Calculo que teremos dois tipos de resposta:

- aqueles para quem a ocupação mais importante é a que proporciona mais dinheiro,
- aqueles para quem a mais importante é a que permite um estatuto social mais reconhecido pelos restantes habitantes.

O que se pode verificar é que uma percentagem significativa de famílias inquiridas - cerca de 23 % - considera que a ocupação/profissão do chefe de família não é a mais importante.

Será que este dado tem algumas consequências na hierarquia das famílias, na organização do poder no seu interior? Ignoramo-lo. E a literatura sobre a vida interna das famílias em qualquer parte do mundo, é muito escassa.

Quadro 20. Ocup./prof. Por importância

Ocupação/Profissão do Chefe de Família	È a mais importante	Não é a mais importante	TOTAL
Pedreiro	120	47	167
Carpinteiro	79	22	101
Comerciante/Vendedor	77	0	77
Mecânico	46	11	57
Alfaiate	39	9	48
Pintor	21	10	31
Electricista	17	11	28
Padeiro	24	1	25
Ferreiro	16	5	21
Costureira	11	5	16
Serralheiro	11	4	15
Canalizador	3	2	5
Construção civil	4	1	5
Mouro	4	0	4
Outros	16	15	31
TOTAL	488	143	631

Fonte: Inquérito ao Impacto do Conflito, Julho/Agosto 1999, Quelele, Bissau.

Quadro 21. Pessoas por ocupação/profissão e sexo

OCUPAÇÃO/PROFISSÃO	Sexo		TOTAL
	M	F	
Agricultura			
Agricultor	164	21	185
Furador	2		2
Técnico agrícola	2		2
Pesca			
Pescador	7	3	10
Indústria			
Ferreiro	40	0	40
Artesão	22	2	24
Sapateiro	17	0	17
Mecânico	196	0	196
Bate Chapa	16	0	16
Operador de Máquina	13	0	13
Tecedor	4	0	4
Soldador	3	0	3
Estofador	4	0	4
Técnico de frio	16	0	16
Alimentação			
Padeiro	31	2	33
Pasteleiro	1	1	2
Garçon	5	6	11
Vestuário			
Costureira	0	44	44
Alfaiate	90	0	90
Transportes e Comunicações			
Condutor	373	0	373
Jornalista	8	3	11
Marinheiro	28	0	28
Técnico de comunicações	9	0	9
Comércio			
Comerciante	670	40	710
Bideira	0	1127	1127
Vendedor	218	0	218
Armazenista	1	0	1
Construção Civil			
Pedreiro	324	0	324
Carpinteiro	195	0	195
Electricista	58	0	58
Canalizador	14	0	14
Serralheiro	14	0	14
Pintor	41	0	41
Construção	15	0	15
Saúde			
Enfermeira	0	33	33
Enfermeiro	21	0	21
Médico	6	0	6
Curandeiro	2	0	2
Educação			
Professor	103	13	116
Estudantes	2664	1884	4548
Educador infantil	4	4	8

Serviços			
Domésticas	0	1745	1745
Empregada doméstica	0	4	4
Guarda	39	0	39
Fotógrafo	6	3	9
Artista	18	1	19
Mouro	43	0	43
Contabilista	24	4	28
Cabeleireira	0	6	6
Informático	3	2	5
Lavadeira	0	5	5
Jogador	7	1	8
Administração e Outros			
Funcionário	213	33	246
Secretário	5	0	5
Secretária	0	8	8
Servente	23	32	55
Técnico Superior	41	5	46
Polícia/Militar	184	8	192
Sem Ocup/Prof.	691	691	1382
Emigrante	65	2	67
Empresário	2	0	2

Fonte: Observatório do Bem-estar, Quelele, Bissau.

Se quisermos ver qual a relação entre as profissões / ocupações dos chefes de família e os níveis de bem-estar, podemos estabelecer categorias de acordo com uma classificação de quais as profissões cujas famílias são maioritariamente dos diferentes níveis.

Assim teremos que as famílias com mais probabilidade de serem não pobres são aquelas cujos chefes de família têm uma das seguintes profissões:

Pedreiro, Comerciante, Bideira, Carpinteiro, Ferreiro, Mecânico, Padeiro, Electricista, Bate Chapa, Serralheiro, Alfaiate, Canalizador, Empregada Doméstica, Funcionário Público, Jornalista, Técnico Superior, Estudante, Conductor, Marinheiro, Emigrante, Professor, Técnico de Comunicações, Operador de Máquina, Fotógrafo, Mouro, Pintor, Polícia/Militar, Contabilista, Sapateiro, Secretária, Enfermeiro, Construção Civil, Médico, Educador Infantil, Pescador, Informático, Servente, Furador, Técnico de Frio, Estofador, Pasteleiro, Garçon, Empresário, Jogador, Vendedor, Secretário.

As famílias com mais probabilidade de serem pobres são aquelas cujos chefes de família têm uma das seguintes profissões: Guarda e Lavadeira.

As famílias com mais probabilidade de se situarem na média do nível de bem-estar são aquelas cujos chefes de família têm uma das seguintes profissões: Agricultor, Artista e Pescador.

As profissões de Artesão, Costureira, Enfermeira, Tecedor, e Técnico Agrícola, têm uma distribuição equilibrada das famílias entre os diferentes níveis de bem-estar.

Quadro 22. Principais ocupações/profissões e local de actividade (%)

OCUPAÇÃO/PROFISSÃO	Local de actividade		
	Fora do Bairro	Dentro do Bairro	Fora e Dentro do Bairro
Agricultura			
Agricultor	72,8	20,7	6,5
Indústria			
Ferreiro	45,0	40,0	15,0
Mecânico	48,2	37,9	13,8
Alimentação			
Padeiro	15,2	81,8	3,0
Vestuário			
Costureira	15,9	72,7	11,4
Alfaiate	44,4	45,6	10,0
Transportes e Comunicações			
Condutor	82,3	4,0	13,6
Comércio			
Comerciante	55,1	22,2	22,4
Bideira	8,5	85,0	6,5
Vendedor	43,7	41,9	14,4
Construção Civil			
Pedreiro	25,5	17,8	56,7
Carpinteiro	17,3	31,9	50,8
Electricista	37,9	13,8	48,3
Pintor	14,7	23,5	61,8
Saúde			
Enfermeira	93,9	3,0	3,0
Enfermeiro	57,1	14,3	28,6
Educação			
Professor	77,4	17,4	5,2
Estudantes	38,3	61,2	0,5
Serviços			
Cabeleireira	16,7	83,3	0
Artesão	20,8	79,2	0
Guarda	87,2	10,3	2,6
Mouro	9,3	58,1	32,6
Contabilista	96,4	3,6	0
Administração e Outros			
Funcionário	98,0	1,6	0,4
Servente	92,7	5,5	0
Técnico Superior	95,7	2,2	2,2
Polícia/Militar	92,7	5,2	2,1

7. CONCLUSÕES

As conclusões que podemos tirar desta parte, para além da objectividade dos números, têm a ver com a identidade dos moradores do bairro, e com muita informação que não consta dos inquéritos, mas que foi recolhida verbalmente em muitas conversas ao longo do trabalho.

Os quelianos (ou quelelianos) são mais homens do que mulheres, mais jovens do que adultos, pouco mais muçulmanos de que cristãos e animistas juntos, têm uma instrução e um nível de consumo médios, vivem em habitações com tecto e soalho melhorado, utilizando formas de cozinhar e de ter luz igual aos grupos da população de bem-estar mediano da cidade e mais ricos do campo.

Mas não têm ainda um acesso a água tratada, saneamento e de actividade económica que permita considerar o bairro como tendo um dos mais elevados níveis de bem-estar da cidade.

A actividade económica também não é suficiente para que a maioria dos habitantes trabalhe no bairro.

Se conjugarmos com essas indicações os números muito positivos da desigualdade ainda existente, então a iniciativa, e a capacidade dos habitantes de obter acesso a recursos privados e públicos que o Estado não é capaz de implementar, seria uma das características distintivas da identidade do bairro.

Essa iniciativa expressa na actividade da comissão de moradores e da ONG com sede no bairro pode ser a origem de uma melhoria contínua de bem-estar para todos os habitantes.

8. BIBLIOGRAFIA

- **ACHINGER G., (1986)**, "Família guineense: estabilidade e transformação", in Soronda, Nº 1, Janeiro, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, Bissau, Republica da Guiné-Bissau.
- **(1991)**, "Os destinos duma grande família guineense numa época de transformações políticas e sociais" in Revista Internacional de Estudos Africanos, Nº14-15, Lisboa, Portugal.
- **BANCO MUNDIAL, (2000)**, ATTACKING POVERTY, RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO MUNDIAL.
- **CARDOSO, C. e IMBALI, F. (1993)** "As questões institucionais e o programa de ajustamento estrutural na Guiné-Bissau", in Os efeitos socioeconómicos do programa de ajustamento estrutural na Guiné-Bissau, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, Julho, Bissau, Republica da Guiné-Bissau.
- **CARVALHO, A.D., (1999)**, AS CIDADES E OS ROSTOS DA EXCLUSÃO, EDUCAÇÃO SOCIAL, UNIVERSIDADE PORTUCALENSE INFANTE D. AFONSO HENRIQUES, PORTO.
- **DAC, (2000)**, DAC GUIDELINES ON POVERTY REDUCTION, MIMEO, OCDE.
- **HANDEN, D. L., (1985)** , Nature et fonctionnement du pouvoir chez les balanta brassa, Kacu Martel, Nº 6, INEP, Bissau, Republica da Guiné Bissau.
- **LEBRIS et al., (1987)**, "Conclusion, Résidence, stratégies, parenté", in Famille et residence dans les villes africaines, Dakar, Bamako, Saint – Louis, Lomé, ed. LeBris et al., L'Harmatan, Paris, França.
- **MEILLASSOUX C., (1976)**, MULHERES, CELEIROS & CAPITAIS, CRITICA E SOCIEDADE, 7, AFRONTAMENTO, PORTO, PORTUGAL.
- **RAPOSO, I., (1986)**, Villes propes, villes en ordre, réflexions á propos d'une anthropologie pour le développement, trabalho de DEA, Paris, França.
- **RIBEIRO, R., (1987)**, A sociedade crioula na Guiné-Portuguesa, 1900-1960, tese de licenciatura, mimeo, Lisboa, Portugal.
- **BAKER, J.L., (1999)**, EVALUATING THE POVERTY IMPACT OF PROJECTS: A HANDBOOK FOR PRACTITIONERS, MIMEO, WORLD BANK, JBAKER@WORLDBANK.ORG.

- DAC, (2000), INDICATORS FOR THE INTERNATIONAL DEVELOPMENT GOALS, A SUGGESTION FOR SOME QUALITATIVE INDICATORS**, MIMEO, OCDE.

- DFID, (1998), POVERTY AIM MARKER, POLICY INFORMATION MARKER SYSTEM**, UK.

- HAMMOND, B., (1998), MESURING DEVELOPMENT PROGRESS, A WORKING SET OF CORE INDICATORS**, MIMEO, DAC/OCDE, OECD.ORG/DAC/INDICATORS.

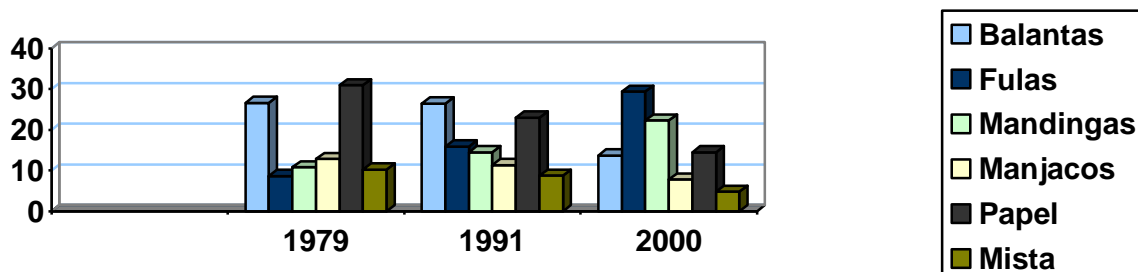
- PROENÇA, (2000), OS EFEITOS DAS POLÍTICAS DE ESTABILIZAÇÃO E AJUSTAMENTO NO BEM ESTAR DAS FAMÍLIAS EM BISSAU, 1986,1991,1993/4**, TESE DE DOUTORAMENTO EM FASE FINAL, ISEG/ISCTE, LISBOA.

- UNDP, (1998), CLASSIFICATION GUIDELINES**, MIMEO, NEW YORK.

- UNICEF, (2000), WWW.UNICEF.ORG/STATIS/COUNTRY_1PAGE71.HTML**

Gráfico 9

Etnias em Bissau (1979, 1991) e no bairro (2000)



Quadro 38. Os últimos censos da população da Guiné-Bissau (1979/ 1991)

População residente		
Total	767.739	979203
Bissau	109.214	195389
População por sexo em Bissau (%)		
Homens	48.2	48.3
Mulheres	51.8	51.7
Grupos etários no SAB (1) (%)		
0 - 7 anos	28.3	28.4
8 - 14	16.0	18.2
15 - 44	40.6	38.5
45 - 59	8.2	7.5
60 +	6.9	7.4
0 - 19	53.7	56.2
45 +	15.1	14.8
Número de pessoas/agregado		
Total	6.2	7.4
Bissau	5.6	6.2
Estrutura étnica em Bissau (2) (%)		
Balantas	26.6	26.5
Fulas	8.6	15.9
Mandingas	10.8	14.5
Manjaco	12.8	11.3
Papel	31.0	23.0
Mista	10.2	8.7

Fonte: INEC, Bissau.

Notas: (1) Sector autónomo de Bissau.

(2) Só etnias principais das 32 recenseadas.

BOLETIM DE CENSO DO BAIRRO

INQUIRIDOR _____

BAIRRO _____

ZONA N.º _____

DATA DO INQUÉRITO ____-____-2000

1. DESDE QUANDO RESIDE NO BAIRRO? _____

2. QUANTIDADE DE ARROZ CONSUMIDO POR MÊS PELA FAMÍLIA _____ QUILOS

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO DA HABITAÇÃO

4. Paredes

- | | | | |
|-----------|--------------------------|-----------------|--------------------------|
| 1. Adobe | <input type="checkbox"/> | 5. Adobe/Bloco | <input type="checkbox"/> |
| 2. Tijolo | <input type="checkbox"/> | 6. Adobe/Tijolo | <input type="checkbox"/> |
| 3. Taipa | <input type="checkbox"/> | 7. Bloco/Tijolo | <input type="checkbox"/> |
| 4. Bloco | <input type="checkbox"/> | 8. Bloco/Taipa | <input type="checkbox"/> |

5. Cobertura

- | | |
|-----------|--------------------------|
| 1. Palha | <input type="checkbox"/> |
| 2. Zinco | <input type="checkbox"/> |
| 3. Telha | <input type="checkbox"/> |
| 4. Chapa | <input type="checkbox"/> |
| 5. Outros | _____ |

6. Soalhos

- | | |
|-----------------|--------------------------|
| 1. Terra batida | <input type="checkbox"/> |
| 2. Cimento | <input type="checkbox"/> |
| 3. Mosaico | <input type="checkbox"/> |

7. Acesso a água

- | | P | NP |
|--------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1. Poço/fonte | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 2. Canalizada | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 3. Fontan. público | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

8. Esgoto

- | | P | NP |
|-------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1. Casa de banho | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 2. Cerco | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 3. Latrina | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 4. Lat. Melhorada | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

9. Energia de cozinhar

- | | | | |
|---------------------|--------------------------|-----------------|--------------------------|
| 1. Lenha | <input type="checkbox"/> | 5. Lenha+carvão | <input type="checkbox"/> |
| 2. Carvão | <input type="checkbox"/> | 6. Gás+carvão | <input type="checkbox"/> |
| 3. Gás | <input type="checkbox"/> | 7. Gás+lenha | <input type="checkbox"/> |
| 4. Gás+carvão+lenha | <input type="checkbox"/> | | <input type="checkbox"/> |

10. Modo de iluminação

- | | | | | | |
|------------------|--------------------------|-----------------------------------|--------------------------|-----------------------|--------------------------|
| 1. Electricidade | <input type="checkbox"/> | 5. Petróleo+vela | <input type="checkbox"/> | 9. Vela | <input type="checkbox"/> |
| 2. Energia solar | <input type="checkbox"/> | 6. Electricidade+gás | <input type="checkbox"/> | 10. Gás | <input type="checkbox"/> |
| 3. Petróleo | <input type="checkbox"/> | 7. Elect.+gás+petró.+vela+gasóleo | <input type="checkbox"/> | 11. Elect.+petró.+gás | <input type="checkbox"/> |
| 4. Elect.+vela | <input type="checkbox"/> | 8. Gasóleo | <input type="checkbox"/> | 12. Elect.+petróleo | <input type="checkbox"/> |
| | | | | 13. Elect.+gasóleo | <input type="checkbox"/> |

FOLHA DE CODIFICAÇÃO

CENSO do observatório do bem estar nos bairros de Belém, Militar e Quelele.

ATENÇÃO:

Cada nome de variável só pode ter oito letras no máximo.

Não podem ter acentos, cedilhas, nem espaços entre letras.

Não sabe/Não responde (NS/NR): Código 99

NHABITA

CASA HABITADA: COLOCAR 1

Casas não habitadas - colocar **id** e outra informação que haja.

No resto das variáveis colocar **999**.

Id

Número de identificação, é o número escrito a vermelho nos boletins. Repete-se para todas as pessoas que estão no mesmo boletim.

Zona

Pôr número da zona

Tempo

Tempo que reside no bairro. Fazer as contas e pôr o número de anos.

Temcasa

Casa alugada **1** Casa própria **2**

Se a casa tiver mais de uma família: se a resposta for Casa Própria colocamos isso para a primeira família e Casa Alugada para as restantes. Se a resposta for Casa Alugada colocamos Casa Alugada para todas as famílias.

Quartos

Escrever o número de quartos da casa. Se houver mais de uma família registar quantos quartos ocupa cada família.

Para Quelele: se o inquiridor só tiver registado o número total de quartos de uma casa onde há várias famílias, dividir proporcionalmente o número de quartos na casa e nos anexos, de acordo com o número de membros de cada família. Quando houver anexo não misturar quartos na casa e no anexo com a mesma família.

Exemplo: duas famílias numa casa de 8 quartos, uma com 7 membros e outra com 3. A família de 7 membros tem 6 quartos e a família de 3 membros tem 2 quartos.

Fez-se assim: número total de membros $7 + 3 = 10$

se 10 membros correspondem a 8 quartos
então 7 membros correspondem a 5,6 quartos
(igual a 6 quartos por arredondamento)
então 3 membros correspondem a 2,4 quartos
(igual a 2 quartos por arredondamento)

Se uma família mora num anexo com 2 quartos quando se preenche a matriz dos dados coloca-se **0** (zero) na coluna dos quartos de casa e **2** na coluna de quartos de anexo. O mesmo se a família mora nos quartos da casa e não no anexo.

Não esquecer que uma família composta de um casal e um ou dois crianças pequenas vive em geral num só quarto.

Para AiFA e TINIGUENA foram separados os quartos por família.

Anexos

Escrever o número de quartos do anexo. Se não existir escrever **0**.
(Na TINIGUENA e AIFA juntou-se numa única variável: Quartos)

Arrozmes

Quantidade de arroz por mês por família. Atenção que pode ser indicado em quantidades/dia; nesse caso multiplicar por trinta.

Paredes

Materiais das paredes. Atribuir os códigos que estão escritos no boletim. Se houver alguma combinação não prevista no boletim então atribuímos o código **9**. Para AiFA e TINIGUENA disse-se para acrescentarem códigos a novas combinações. Verificar se em ambos os códigos são iguais.

Coberta

Materiais do tecto.

Soalhos

Se encontrarmos combinações como Cimento/Terra Batida será código **4**, Cimento/Mosaico será código **5**; Outras serão **6**. Para AiFA e TINIGUENA disse-se para acrescentarem códigos a novas combinações. Verificar se em ambos os códigos são iguais.

Aguap (p próprio)

Pode ter os códigos **1** ou **2**. Se houver mais de uma forma de acesso a água, criar novo código. Atenção para que seja igual na AiFA e na TINIGUENA.

Aguan (np não próprio)

Pode ter os códigos **1**, **2** ou **3**. Se houver mais de uma forma de acesso a água, criar novo código. Atenção para que seja igual na AiFA e na TINIGUENA.

Esgotop (p próprio)

Se houver mais de um tipo de esgoto, criar novo código. Atenção para que seja igual na AiFA e na TINIGUENA.

Esgoton (np não próprio)

Se a resposta for “*Rua*” atribuir o código **4**.

Alterou-se o boletim mudando “*Fossa*” para “*Casa de Banho*” e considerando que cerco é só para tomar banho. Passou a existir Latrina simples (código **3**) e Latrina Melhorada (código **4**).

Se houver mais de um tipo de esgoto, criar novo código. Atenção para que seja igual na AiFA e na TINIGUENA.

ENERCOZ

Energia de cozinhar. Se houver mais de um tipo criar novo código. Atenção para que seja igual na AIFA e na TINIGUENA.

LUZ

MODO DE ILUMINAÇÃO. SE A RESPOSTA FOR GASÓLEO+VELA COLOCAR CÓDIGO **14**.

MEMBROS

Número de membros da família.

IDADE

Colocar o número de anos. Se tiver menos de um ano colocar **0**.

Parentes

Chefe 1	Esposa 2	Filho 3	Filha 4
Primo 5	Prima 6	Amigo 7	Amiga 8
Sobrinho 9	Sobrinha 10	Pai 11	Mãe 12
Tio 13	Tia 14	Cunhado 15	Cunhada 16
Irmão 17	Irmã 18	Neto 19	Neta 20
Avô 21 (homem)	Avó 22 (mulher)	Enteado 23	Enteada 24
Sogro 25	Sogra 26	Marido 27	Madrasta 28
Filho de amigo 29			

Os inquiridores escrevem muitas vezes o parentesco com a mesma grafia para o feminino e masculino. Ex.: Filho ou sobrinho. Verificar pela variável Sexo.

Sexo

Masculino **1**

Feminino **2**

Habilita

Formação académica. Habilitações literárias.

Não frequentou nenhum grau **1**

Frequentou o grau primário **2**

Frequentou o grau secundário (liceu) **3**

Frequentou o grau superior **4**

Frequentou a escola madrass **5**

Criança sem idade para frequentar escola **10**

Há vários inquéritos que referem aqui a ocupação/profissão e não as habilitações. Nesses casos colocar o código **1**, a não ser que exista alguma informação que diga o contrário. Exemplo: um professor não pode ser analfabeto; logo nesse caso deve colocar-se o código da não resposta, **99**.

Aqueles que se dizem engenheiro de construção, médico, economista, têm de ter como habilitações Licenciado ou Universidade. Se não tiverem serão “técnico de construção”, “enfermeiro”, contabilista (?).

Os que estudaram no estrangeiro se forem licenciados é o código 4. Se tiverem outro grau colocar o código do grau correspondente na Guiné.

Etnia

Raça = Etnia

Balanta	1	Misto	6
Papel	2	Mancanha	7
Fula	3	Beafada	8
Manjaco	4	Outros	9
Mandinga	5	Estrangeiro	10

As crianças têm a etnia que o chefe de família disser, pois se a mãe e pai forem de etnias diferentes, pode ser-lhes atribuída a do pai, ou mista.

Religião

Animista **1** Cristã **2** Muçulmanos **3**

Os protestantes são cristãos, bem como igrejas como Testemunhas de Jeová, Adventistas, etc.. Os muçulmanos também podem aparecer como Alcorão. É muito raro dizer que não se tem religião. Normalmente são animistas que consideram que ser animista não é religião. Mas se aparecer devidamente confirmado pelo inquiridor colocar o código **4**.

As crianças têm a religião que a família disser. Se não disser nada colocar o código **10** (criança).

Ocupa

Profissão/Ocupação

Índice por ordem numérica

Pedreiro	1
Comerciante	2
Badeira	3
Carpinteiro	4
Ferreiro	5
Artesão	6
Mecânico	7
Padeiro	8
Electricista	9
Crianças	10
Bate chapa	11
Desenhador	12
Serralheiro	13
Mobiliário bambu	14
Costureira	15
Alfaiate	16
Canalizador	17
Doméstica	18
Funcionário público	19
Jornalista	20
Técnico superior	21
Estudante	22
Guarda	23
Motorista/Condutor	24
Agricultor	25
Sem ocupação	26
Marinheiro	27
Emigrante	28
Professor	29
Técnico de comunicações	30
Enfermeira	31
Operador de máquina	32
Fotógrafo	33
Artista	34
Mouro	35
Pintor	36
Polícia/Militar	37
Contabilista	38
Sapateiro	39
Secretária	40
Enfermeiro	41
Construção civil	42
Médico	43
Curandeiro	44
Educador infantil	45
Pescador	46
Informático	47
Armazenista	48
Servente	49
Furador	50
Técnico de frio	51
Tecedor	52

Índice por ordem alfabética

Agricultor	25
Alfaiate	16
Animador rural	69
Armazenista	48
Artesão	6
Artista	34
Bancário	65
Bate chapa	11
Badeira	3
Cabeleireiro	53
Caixa	71
Canalizador	17
Carpinteiro	4
Comerciante	2
Construção civil	42
Contabilista	38
Costureira	15
Cozinheiro	72
Crianças	10
Curandeiro	44
Desenhador	12
Doméstica	18
Educador infantil	45
Electricista	9
Emigrante	28
Empregada doméstica (governanta)	60
Enfermeira	31
Enfermeiro	41
Estivador	70
Estudante	22
Estofador	56
Ferreiro	5
Fotógrafo	33
Funcionário privado	67
Funcionário público	19
Furador	50
Garçon	59
Guarda	23
Industrial/Empresário	61
Informático	47
Jogador	62
Jornalista	20
Lavadeira	57
Marinheiro	27
Mecânico	7
Médico	43
Mobiliário bambu	14
Motorista/Condutor	24
Mouro	35
Operador de máquina	32
Padeiro	8
Pasteleiro	58

Cabeleireiro	53
Técnico agrícola	54
Soldador	55
Estofador	56
Lavadeira	57
Pasteleiro	58
Garçon	59
Empregada doméstica (governanta)	60
Industrial/Empresário	61
Jogador	62
Vendedor	63
Técnico de construção	64
Bancário	65
Técnico de pesca	66
Funcionário privado	67
Técnico desportivo	68
Animador rural	69
Estivador	70
Caixa	71
Cozinheiro	72

Pedreiro	1
Pescador	46
Pintor	36
Polícia/Militar	37
Professor	29
Sapateiro	39
Secretária	40
Sem ocupação	26
Serralheiro	13
Servente	49
Soldador	55
Tecedor	52
Técnico agrícola	54
Técnico de comunicações	30
Técnico de construção	64
Técnico de frio	51
Técnico de pesca	66
Técnico desportivo	68
Técnico superior	21
Vendedor	63

Quando se indica nos boletins mais de uma ocupação/profissão para a mesma pessoa colocar apenas a primeira.

Os ajudantes são da ocupação de quem ajudam. Exemplo Ajudante de motorista é motorista, ajudante de mecânico é mecânico.

Ser Técnico não é ocupação/profissão. Tem de ser Técnico de qualquer coisa: de frio, de electricidade, de construção, etc.

Atenção às profissões que só são exercidas por pessoas de um sexo.

Exemplos:

As Domésticas (**18**) são sempre mulheres.

As Badeiras (**3**) são sempre mulheres.

Um pequeno comerciante é um Vendedor (**63**) homem.

Um comerciante maior de banca aberta é um Comerciante (**2**) homem.

Um Marinheiro (**27**) é sempre homem.

As mulheres são Costureiras (**15**) os homens são Alfaiates (**16**)

Os Mouros são homens, Etc.

Cuidado com as profissões que podem ser exercidas por homens ou por mulheres e que têm nomes muito parecidos e códigos diferentes: Enfermeiro (**41**) e Enfermeira (**31**).

Comparar sempre com o sexo da pessoa.

Local

Local onde exerce a ocupação.

Fora do bairro **1** No bairro **2**

Sem ocupação **3** Dentro e fora do Bairro **4**

Criança **10**

Data

Data na qual foi realizado o inquérito.

Antes do conflito **6**

Depois do conflito **8**

Para a AIFA e TINIGUENA pôr o mês de recolha da informação.

CODIFICAÇÃO DAS CRIANÇAS

(tem de merecer especial atenção pois é normalmente origem de muitos erros).

Idade

0, 1, 2, 3, 4 anos.

Parentesco

Não pode ser nem Esposa nem Chefe de Família.

Habilitações

É sempre código 10 (criança).

Ocupação

Também tem sempre o código 10 (criança).

Local

Sempre o código 10 (criança).

Idade

5 anos.

Parentesco

Não pode ser nem Esposa nem Chefe de Família.

Habilitações

É normalmente código **10** (criança). Mas se a família for muçulmana pode ser código **5** (ensino em escola *madrass* ou *corânica*).

Ocupação

Se *Habilitações* tiver o código **10**, *Ocupação* também terá o código **10**.

Se *Habilitações* tiver o código **5** *Ocupação* terá o código **22** (estudante).

Local

Se *Ocupação* tiver o código **10** *Local* também terá o código **10**.

Se *Ocupação* tiver o código **5** *Local* poderá ter o código **1** (no bairro) ou **2** (fora do bairro).

Idade

6 ou 7 anos.

Parentesco

Não pode ser nem Esposa nem Chefe de Família.

Habilitações

Terá normalmente o código **2** de frequência de ensino primário ou código **5** (ensino em escola *madrass* ou *corânica*). Mas se não frequentar ainda a escola colocar o código **10** (criança).

Ocupação

Se *Habilitações* tiver o código **10** *Ocupação* também terá o código **10**.

Se *Habilitações* tiver o código **2** ou **5** *Ocupação* terá o código **22** (estudante).

Local

Se *Ocupação* tiver o código **10** *Local* também terá o código **10**.

Se *Ocupação* tiver o código **2** ou **5** *Local* poderá ter o código **1** (no bairro) ou **2** (fora do bairro).

Idade

8, 9, 10 ou mais anos.

Parentesco

Até aos 14 anos não pode ser nem Esposa nem Chefe de Família.

Habilitações

Terá normalmente um código de frequência de um grau de ensino.

Mas se não frequentar colocar o código **1** (Não frequenta).

Ocupação

Terá normalmente um código de ocupação/profissão. Ou então **26** Sem Ocupação.

Local

Se Ocupação tiver o código **2** ou **5** Local poderá ter o código **1** (no bairro) ou **2** (fora do bairro). Se Ocupação tiver o código **26** Sem Ocupação então Local terá o código **3** que significa para esta variável Sem Ocupação

BOLETIM DE ALTERAÇÃO DE VIDA

FOLHA DE CODIFICAÇÃO

ATENÇÃO: CADA NOME DE VARIÁVEL SÓ PODE TER OITO LETRAS NO MÁXIMO. NÃO PODEM TER ACENTOS NEM CEDILHAS NEM ESPAÇOS ENTRE LETRAS.

AUSENCIA DE INFORMAÇÃO : CÓDIGO 99

Id - numero de identificação, é o numero escrito a vermelho nos boletins.

Zona - pôr numero da zona

Data - Data na qual foi realizado o inquérito. Colocar só o numero do mês .

Pergunta 1.

Etnia - Raça = Etnia

Balanta 1	Beafada 8
Papel 2	Outros 9
Fula 3	Estrangeiro 10
Manjaco 4	
Mandinga 5	
Misto 6	
Mancanha 7	

Pergunta 2.

Saiu - por o nome da tabanca onde passou mais tempo. Se inicialmente foi para Safim mas depois foi para Quinhamel, colocar Quinhamel e não Safim, que foi apenas uma terra de passagem.

Pergunta 3.

Ocupa -

Pedreiro 1	Comerciante 2
Bideira 3	Carpinteiro 4
Ferreiro 5	Artesão 6
Mecanico 7	Padeiro 8
Electricista 9	Crianças 10
Bate chapa 11	Desenhador 12
Serralheiro 13	Mobiliário bambu 14
Costureira 15	Alfaiate 16
Canalizador 17	Doméstica 18
Funcionário Público 19	Jornalista 20
Técnico superior 21	Estudante 22
Guarda 23	Motorista/Condutor 24
Agricultor 25	Sem ocupação 26

Marinheiro 27	Emigrante 28
Professor 29	Técnico de comunicações 30
Enfermeira 31	Operador de máquina 32
Fotógrafo 33	Artista 34
Mouro 35	Pintor 36
Polícia/Militar 37	Contabilista 38
Sapateiro 39	Secretária 40
Enfermeiro 41	Construção civil 42
Médico 43	Curandeiro 44
Educador infantil 45	Pescador 46
Informático 47	Armazenista 48
Servente 49	Furador 50
Técnico de frio 51	Tecedor 52
Cabeleireiro 53	Técnico agrícola 54
Soldador 55	Estofador 56
Lavadeira 57	Pasteleiro 58
Garçon 59	
Empregada doméstica (governanta) 60	
Industrial/Empresário 61	
Jogador 62	

Pergunta 4.

Esta pergunta pode ser de respostas múltiplas. Ou seja uma mesma pessoa pode responder que antes do conflito tinha várias relações com a terra para onde fugiu. Isso daria que no mesmo boletim pode haver cruces em vários quadrados. Assim cada resposta é uma variável.

•Linha que tem o 4

Atroca - se respondeu colocar 1 se não respondeu não colocar nada

•Linha que tem o 5

Acompra - se respondeu colocar 1 se não respondeu não colocar nada

•Linha que tem o 6

Acasa - se respondeu colocar 1 se não respondeu não colocar nada

•Linha que tem o 7

Achoro - se respondeu colocar 1 se não respondeu não colocar nada

•Linha que tem o 8

Aagricul - se respondeu colocar 1 se não respondeu não colocar nada

•Linha que tem o 9

Aanos - se respondeu colocar 1 se não respondeu não colocar nada

•Linha que tem o 10

Aproblem - se respondeu colocar 1 se não respondeu não colocar nada

•Linha Outras

Tomar nota das respostas e codificar no fim, criando uma variável para cada resposta com um numero maior de pessoas a responder e uma ultima de Outras para todas as restantes.

Pergunta 5.

Voltou – a familia também veio, colocar 1
a familia veio mais tarde, colocar 2
a familia ainda não veio, colocar 3

Pergunta 6.

Este pergunta pode ser de respostas multiplas. Ou seja uma mesma pessoa pode responder que depois do conflito passou a manter com a terra para onde fugiu relações diferentes que antes do conflito. Isso daria que no mesmo boletim pode haver cruces em vários quadrados. Assim cada resposta é uma variável.

•Linha que tem o 14

Dtroca - se respondeu colocar 1 se não respondeu não colocar nada

•Linha que tem o 15

Dcasa - se respondeu colocar 1 se não respondeu não colocar nada

•Linha que tem o 16

Dchoro - se respondeu colocar 1 se não respondeu não colocar nada

•Linha que tem o 17

Dagricul - se respondeu colocar 1 se não respondeu não colocar nada

•Linha que tem o 18

Dproblem - se respondeu colocar 1 se não respondeu não colocar nada

•Linha Outras

Tomar nota das respostas e codificar no fim, criando uma variável para cada resposta com um numero maior de pessoas a responder e uma ultima de Outras para todas as restantes.

O CESA

O CESA é um dos Centros de Estudo do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa, tendo sido criado em 1982.

Reunindo cerca de vinte investigadores, todos docentes do ISEG, é certamente um dos maiores, senão o maior, Centro de Estudos especializado nas problemáticas do desenvolvimento económico e social existente em Portugal. Nos seus membros, na maioria doutorados, incluem-se economistas (a especialidade mais representada), sociólogos e licenciados em direito.

As áreas principais de investigação são a economia do desenvolvimento, a economia internacional, a sociologia do desenvolvimento, a história africana e as questões sociais do desenvolvimento; sob o ponto de vista geográfico, são objecto de estudo a África Subsariana, a América Latina, a Ásia Oriental, do Sul e do Sudeste e o processo de transição sistémica dos países da Europa de Leste.

Vários membros do CESA são docentes do Mestrado em Desenvolvimento e Cooperação Internacional leccionado no ISEG/"Económicas". Muitos deles têm também experiência de trabalho, docente e não-docente, em África e na América Latina.

O autor

CARLOS SANGREMAN PROENÇA

Economista do Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), doutor em Estudos Africanos do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresas (ISCTE), Professor Auxiliar na Universidade de Aveiro (UA), consultor do PNUD e Banco Mundial na Guiné e Cabo Verde, investigador responsável neste projecto, coordenador geral do projecto Memória de África e do Oriente, coordenador científico do projecto de investigação Arquitectos de um Espaço Transnacional Lusófono, a diáspora Guineense em Portugal, da Fundação Portugal África, assessor técnico da reitoria da UA para a Cooperação, resource person da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e Cooperação para o Fórum da Cooperação da sociedade civil e membro da direcção do Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento (CESA).

Centro de Estudos sobre Africa e do Desenvolvimento
Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG/"Económicas")
da Universidade Técnica de Lisboa

R. Miguel Lupi, 20 1249-078 LISBOA PORTUGAL
Tel: + / 351 / 21 392 59 83 Fax: [...] 21 397 62 71 e-mail: cesa@iseg.utl.pt
URL: <http://www.iseg.utl.pt/cesa>